



Soares, P. (2009). *Transições: uma instantaneidade suportada pelo «equilíbrio»...a representatividade da fluidez que o «jogar» deve manifestar*. Porto: P. Soares. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-chave: Transição; Equilíbrio; Futebol; «jogar»;

Agradecimentos

- Ao Dr. Vítor Frade, por todos os ensinamentos adquiridos ao longo destes anos, pelo entusiasmo que transmite e que nos faz vibrar com um Futebol muito especial.
- Ao Futebol Clube do Porto, pela disponibilidade e simpatia com que fui recebido e pela compreensão da importância do seu contributo para a realização deste estudo.
- Ao Professor José Gomes, ao Nuno Espírito Santo e ao Pedro Emanuel, pela disponibilidade demonstrada e pela clareza e simplicidade com que expuseram as suas ideias.
- Aos colegas e amigos Sousa, Ribeiro, Coutinho, Borges, Tó, João, Pinto, Ruizão, Filipe Moura, Bruno Dias, Sebastião, Tânia e Zé Filipe, e aos amigos Carlos e Teresa, grandes companheiros na travessia que foi a minha formação e grandes aliados para a vida.
- À minha família por me ter apoiado em todos os momentos.
- À Ana, a minha “muleta”, o meu apoio em todos os momentos!

Índice Geral

Agradecimentos	I
Índice Geral	II
Resumo	IV
1. Introdução	1
2. Transições	3
2.1. O caso FC Porto	4
2.2. Explorando o conceito de Transição	5
2.2.1. Transição Defesa-Ataque	7
2.2.2. Transição Ataque-Defesa	7
2.3. O equilíbrio como base do fluxo contínuo que é o jogo, suportado por um sentimento organizacional colectivo	8
2.3.1. Atacar...defendendo	9
2.3.2. Defender...atacando	17
2.4. As Transições como resposta face à «inteireza inquebrantável» que o «jogar» deve manifestar.	21
2.5. Construir o «jogar»	24
2.5.1. A neurologia do treino...antecipemos as acções do jogo para nos anteciparmos ao próprio jogo	27
2.5.1.1. O Hábito adquirido na acção	27
2.5.1.2. Quando o Modelo de Jogo fica marcado na mente	29
2.5.1.3. Convencer os jogadores...sentindo o «jogar»	31
2.5.1.4. A antecipação da acção	32
2.5.1.5. A fractalidade do processo	35

2.5.1.6. Criar mecanismos	36
3. Objectivos	39
4. Metodologia	41
4.1. Caracterização da amostra	41
4.2. Metodologia de investigação	41
4.3. Recolha de dados	41
5. Um entendimento de jogo emergente...a “ponte” entre o “ter a bola” e o “não ter a bola”... as Transições... um caminho bidireccional	43
5.1. Transições...momentos...instantes	43
5.2. O equilíbrio...	49
5.2.1. ...uma catapulta das transições ofensivas...o equilíbrio ofensivo no momento defensivo	50
5.2.2. ...uma garantia defensiva...o equilíbrio defensivo no momento ofensivo	51
5.3. Na transição...a mente actua antes do corpo...	53
5.4. Treinar as transições...habituar a mente a jogar em transição	56
5.4.1. A intervenção do treinador	57
5.4.2. Treinar as transições para jogar com as transições...uma fractalidade	58
5.4.3. A mecânica das transições	59
5.4.4. Criar hábitos...no treino e pelo treino	60
6. Conclusões	63
7. Bibliografia	67
Anexos	71

Resumo

No futebol moderno os momentos de transição assumem particular relevância, sendo referidos por diversos autores como os momentos mais importantes e cruciais do jogo. A sua relevância assume um papel preponderante na idealização do Modelo de Jogo sendo estreita a sua relação com os momentos de organização ofensiva e defensiva. Face à fluidez que o «jogar» deve manifestar entre os seus quatro momentos, a equipa deverá ser dotada de mecanismos que estreitem as fronteiras entre os vários momentos de jogo, permitindo maior naturalidade e espontaneidade na passagem de um momento para o outro.

Neste estudo, com base no caso da equipa sénior do Futebol Clube do Porto da época 2008/2009, procuramos (i) evidenciar que os momentos de transição não passam de pequenos instantes e que os mecanismos que levam a equipa a ir do «ter a bola» ao «não ter a bola», ou vice-versa, ocorrem na mente antes de se revelarem pelo corpo; (ii) caracterizar as formas de organização ofensiva e defensiva que melhor se adequam à realização segura e eficaz das transições, permitindo uma maior fluidez entre os momentos de jogo; (iii) identificar indicadores do jogo que definam quando se dá a mudança de atitude após a perda/recuperação da posse de bola; (iv) evidenciar a capacidade de antecipação da acção como a grande responsável pelo realizar bem as transições, suportada por uma metodologia de treino que permita a potenciação dos momentos de transição suportados num «saber sobre o saber fazer».

Os resultados obtidos demonstraram que (i) transição é uma mudança de atitude que corresponde ao momento em que a equipa perde ou recupera a posse de bola, e os comportamentos de equipa que se seguem correspondem aos momentos de organização ofensiva ou defensiva; (ii) os momentos de transição são suportados pela efectivação dos princípios do equilíbrio defensivo no ataque e equilíbrio ofensivo na defesa; e (iii) sendo uma mudança de atitude, a transição é iminentemente mental antes de ser expressa através do corpo.

1. Introdução

O jogo de futebol compreende quatro momentos: organização ofensiva, organização defensiva, transição defesa-ataque e transição ataque-defesa.

Vários autores (Mourinho, 2004; Jesualdo Ferreira, 2004; Almeida, 2006; Carvalhal, 2006; Couto, 2006; Guilherme Oliveira 2006; Pontes, 2006) defendem que os momentos mais importantes do jogo actual são o momento em que se perde a bola e o momento em que se ganha a bola.

Se estes momentos se afiguram tão cruciais, deverá o treinador dotar a equipa de mecanismos que potenciem as acções a realizar nestes dois momentos.

Da pesquisa efectuada, pareceu-nos evidente que a maioria dos autores que abordam a temática das transições refere-se principalmente apenas à análise das transições defesa-ataque, descurando totalmente as transições ataque-defesa. Outros há que, apesar de abordarem as transições ataque-defesa, fazem-no com base no modelo de jogo de um ou outro treinador, reduzindo o conceito aos exemplos dados, ainda que se procure explicar os conceitos de treino em que se baseiam esses mesmos treinadores. Além disso, o entendimento de transição não se adequa àquele que consideramos ser o verdadeiro momento: o momento em que o jogador identifica determinados indicadores que o levem a adoptar comportamentos de acordo com a organização ofensiva ou defensiva preconizada pelo treinador.

Pela experiência que fui adquirindo ao longo dos anos de treino, considero que este tema não está suficientemente clarificado, e que ainda existem pouca concordância e coerência à volta do significado e da delimitação conceito-comportamental dos momentos de transição.

Este estudo pretende explorar o conceito de transição e os mecanismos de acção que o suportam, à luz do entendimento e do processo de jogo da equipa sénior de futebol do Futebol Clube do Porto na época 2008/2009, e conhecer de que modo os momentos de transição são representados, idealizados e treinados numa equipa que apresenta particular fluidez e eficácia nestes momentos de jogo.

O estudo será dividido em 6 capítulos. No primeiro capítulo, Introdução, será apresentada a pertinência do tema e do estudo em questão, serão apresentados os principais objectivos e a estrutura do trabalho. No segundo capítulo denominado “Transições”, será feita uma caracterização do estado do conhecimento relativo a esta temática. No terceiro capítulo denominado “Objectivos” serão apresentados os objectivos deste estudo. No capítulo denominado “Metodologia” serão apresentados a amostra e a metodologia de recolha de dados que nos permitirão explorar os momentos de transição no capítulo 5, à luz do entendimento apresentado pela nossa amostra. No capítulo 6 serão apresentadas as conclusões do nosso estudo.

2. Transições

No jogo actual, falar só de ataque e defesa, é falar de algo que não é Futebol. A velocidade a que se joga actualmente não permite que, tal como há alguns anos atrás, os jogadores tenham tempo para pensar e realizar calmamente as suas acções quando ganham ou perdem a posse de bola. Seja porque se defende mais à frente, seja pela vertigem do pressing, seja pela evolução técnica dos jogadores e dos materiais (bola, relva, botas), o jogador actual, quando perde a bola não pode deslocar-se a passo para a sua posição e, quando a recupera, não pode demorar a entregá-la a um colega melhor posicionado e com espaço e tempo para pensar. Se há alguns anos atrás se defendia quase exclusivamente no meio campo defensivo, permitindo à equipa com bola trocá-la à vontade no seu meio campo, actualmente, nos melhores campeonatos do mundo, os defesas e os médios têm que participar activamente no processo de manutenção da posse de bola, mesmo no seu meio campo defensivo, uma vez que o portador da bola é constantemente pressionado. E, devido a este aumento da velocidade e diminuição do tempo e do espaço para realizar correctamente as acções, há tendência para que ocorram mais erros, mais perdas e mais conquistas da posse de bola.

Para Mourinho (2004) os dois momentos mais importantes do jogo actual são o momento em que se perde a bola e o momento em que se ganha a bola.

Jesualdo Ferreira (2004), concorda e defende que no confronto entre duas equipas, ganhará sempre mais vezes aquela que for capaz de ser mais rápida a responder aos momentos em que se ganha ou se perde a posse de bola e acrescenta que as equipas terríveis são aquelas que diminuem o tempo entre o ganhar a bola e atacar e o perder a bola e defender.

Pelo estatuto atingido, derivado das qualidades técnicas e científicas dos autores, concluímos que os momentos de transição ataque-defesa e defesa-ataque são cruciais no jogo actual. São estes momentos que marcam a diferença nas grandes equipas, que levam a que umas equipas tenham maior controlo do jogo do que outras.

2.1. O caso FC Porto

Desde a época 2007/2008 que o Futebol Clube do Porto tem demonstrado uma clara supremacia sobre os restantes adversários das provas nacionais que disputa. E para muitos, o Futebol Clube do Porto (FCP) de Jesualdo Ferreira, é uma “equipa de transições”, derivando o seu sucesso da eficácia desses momentos:

“É uma equipa fortíssima, muito bem orientada, com fortes transições ofensivas” (Paulo Sérgio, www.fcpf.pt)

“A actual equipa de Jesualdo junta melhor linhas atrás e [...] é bastante mais forte em ataque rápido e nas transições ofensivas, onde pode ser dada como exemplo à Europa” (António Tadeia, www.ojogo.pt)

“Se repararem na forma de jogar do Porto, esta é feita de rápidas transições ao nível do meio campo” (futebolar.portugalmail.pt)

“Na ordem do dia e em paralelo com a melhoria do futebol azul, estão a mecânica/dinâmica das transições ofensivas [...] do FC Porto.” (fcporto.planetaportugal.com)

“Jesualdo montou uma equipa de transições” (pobodonorte.weblog.com.pt)

“O FC Porto começou a subir no terreno, predominantemente através das famosas transições rápidas” (futebolar.portugalmail.pt)

“Tacticamente a equipa voltou a crescer, aproximando-se agora mais do modelo predilecto de Jesualdo Ferreira, onde a segurança da posse é preterida em detrimento da eficácia das transições, onde se procuram mais golos com menos bola” (António Tadeia, www.jtm.com.mo)

“...jogar em transições ofensivas rápidas, como tende a ser o registo deste FC Porto...” (Nuno Amieiro, falemosfutebol.blogspot.com)

“...embora o modelo de Jesualdo só se sinta confortável em transição...” (entredez.blogspot.com)

2.2. Explorando o conceito de Transição

Parece entendimento comum a importância que os momentos de transição têm na forma de jogar do FCP. No entanto, estas transições ofensivas que se diz serem a chave do «jogar» do FCP não nos parecem existir enquanto momentos do jogo.

Importa, portanto conhecer o verdadeiro significado de “momento” e “fase” para melhor nos debruçarmos sobre o tema das transições.

Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa, “momento” é definido como um “breve período de tempo; circunstância; instante”. Por seu lado, “fase” é definida como uma “etapa ou período de uma evolução ou de um processo”

Mais à frente neste capítulo analisaremos as implicações práticas da importância destes dois conceitos.

Ainda que se reconheça que o FCP é uma “equipa de transições”, convém esclarecer que o entendimento do conceito de transição parece ser diverso entre vários autores, notando-se a existência de dois grupos distintos. Atentemos nas seguintes citações:

“A ausência de Lampard foi por demais evidente em algumas fases da etapa inicial, mormente quando se exigia que a Transição defesa-ataque fosse efectuada com rapidez e inteligência” (www.ojogo.pt, cit. por Barreira, 2006).

“A transição defesa-ataque apresentou alguma qualidade, mas no meio campo ofensivo da equipa os jogadores mostravam falta de recursos para desequilibrar...” (terceiroanel.weblog.com.pt)

“Má transição defesa-ataque. O nosso meio campo cedo esgotou as suas capacidades de efectuar boas transições entre a defesa e o ataque” (www.rioave.weblog.com.pt, cit. por Barreira, 2006).

“...trabalhar a transição defesa-ataque de uma equipa através da circulação da bola por seus jogadores chegando ao campo adversário com a bola nos pés...” (futeboltactico.wordpress.com)

“Nos jogos fora a equipa do Bessa é contundente na Transição defesa-ataque...” (www.asbeiras.pt, cit. por Barreira, 2006).

“Sabia que ia ter dificuldade na Transição defesa-meio-campo-ataque...” (www.rioave.weblog.com.pt, cit. por Barreira, 2006).

Das citações acima referidas, parece-nos evidente que o entendimento do conceito de Transição defesa-ataque passa pelo levar do jogo e da bola da zona defensiva para a zona ofensiva, ou seja, parece-nos mais uma fase de jogo do que um momento de jogo. E acreditamos que é esse rápido transporte de jogo que caracteriza a equipa do FCP, e que, por ser feito com grande velocidade e eficácia, cria a ilusão de ser uma “transição ofensiva rápida”. Ainda assim, questionamos se isso será um momento de transição defesa-ataque ou uma fase de conjugação dos momentos de transição defesa-ataque e organização ofensiva com uma dinâmica de contra-ataque.

Alguns estudos (Barreira, 2006; Freitas, 2006; Simões, 2006), pela metodologia desenvolvida, sugerem igualmente que as transições defesa-ataque, apesar de serem definidas como momentos, entre outras hipóteses, podem terminar com situações de finalização. Parece-nos que esse conceito vai ao encontro dos acima referidos, aceitando as transições defesa-ataque como fases que podem ir desde a recuperação de bola até à finalização. E se é este o entendimento de transição defesa-ataque, parece-nos que o conceito de transição ataque-defesa, passará por algo semelhante.

Tentaremos evidenciar neste estudo que tal não nos parece um entendimento realista.

Atentemos nas palavras de Cruyff sobre a capacidade de transição de Deco: “...tem tanta visão que já sabe se chega antes ou não. E quando não chega, já está a exercer outras funções. Ele vai antes dos outros e isso é outra qualidade técnica. Deco recupera bolas não porque corre mais, mas porque corre antes.” Segundo a transcrição, Cruyff parece entender os momentos de transição como uma mudança na atitude dos jogadores, despoletada pela identificação de indicadores que se associam a experiências anteriores, no sentido de dar ao jogador uma resposta prévia sobre as consequências das suas acções. Parece-nos evidente que este conceito de transição se baseia mais num processo mental, um momento em que o jogador identifica que tem que mudar de atitude e adoptar novos comportamentos, do que num processo físico, que envolva uma deslocação da bola entre dois ou três jogadores de uma zona para outra.

2.2.1. Transição Defesa-Ataque

Para Guilherme Oliveira (2004) o momento de transição defesa-ataque é caracterizado pelos comportamentos que a equipa deve ter durante os segundos imediatos ao ganhar-se a posse de bola. Estes segundos são importantes porque, tal como na transição ataque-defesa, as equipas encontram-se desorganizadas para as novas funções e o objectivo é aproveitar as desorganizações adversárias para proveito próprio.

2.2.2. Transição Ataque-Defesa

Para Guilherme Oliveira (2004) o momento de transição ataque-defesa é caracterizado pelos comportamentos que a equipa deve assumir durante os segundos após se perder a posse de bola. Estes segundos revelam-se de

particular importância uma vez que ambas as equipas se encontram momentaneamente desorganizadas para as novas funções que têm que assumir, como tal ambas tentam aproveitar as desorganizações adversárias.

2.3. O equilíbrio como base do fluxo contínuo que é o jogo, suportado por um sentimento organizacional colectivo

As transições ataque-defesa e defesa-ataque assumem-se como momentos determinantes do «jogar», suportados por aquele que nos parece ser o princípio base da «inteireza inquebrantável» que o «jogar» deve manifestar: o equilíbrio.

Amieiro (2004) afirma que a eficácia dos momentos de transição está intimamente relacionada com o modo como a equipa está organizada antes dos mesmos. O autor fala-nos em dois conceitos chave do futebol: equilíbrio defensivo no ataque e equilíbrio ofensivo na defesa.

Na mesma linha de pensamento, Carvalhal (2001) defende que ninguém consegue atacar bem se não tiver a equipa equilibrada para defender e ninguém consegue defender bem se não tiver a equipa equilibrada para atacar. Fernandez (2003, cit. por Amieiro, 2004) parece equacionar o seu «jogar» de forma semelhante ao afirmar que a organização ofensiva de uma equipa deve englobar um conjunto de acções que se prendem com o chamado equilíbrio defensivo, com o qual se procura que a equipa esteja preparada e organizada perante uma qualquer perda da bola.

Mourinho (2004) afirma que, quando se possui a bola, também tem que se pensar defensivamente o jogo, da mesma forma que, quando se está sem ela e se está numa situação defensiva, também tem que se estar a pensar o jogo de uma forma ofensiva e a preparar o momento em que se recupera a posse de bola.

Tal como Mourinho, também Jesualdo Ferreira (2004) defende que, se a equipa estiver bem posicionada no momento em que tem a posse de bola, estará em boas condições de a poder recuperar rapidamente, para poder de

novo atacar, ou seja, as equipas que defendem melhor numa perspectiva ofensiva, têm mais condições para atacar mais vezes.

Consideramos, então, que, como uma equipa não sabe onde, quando ou como vai perder a bola, quando a perde, deve ter previstas as acções defensivas a levar a cabo, ou seja, deve preparar-se para o momento da perda da posse de bola, de modo a responder mais rápida e eficazmente a essa perda.

Na mesma linha de pensamento, quando a equipa não tem a bola, deve estar posicionada de modo que, quando a recupera, tenha já previstas as acções ofensivas a levar a cabo, ou seja, deve preparar-se para o momento da recuperação da posse de bola, de modo a responder mais rápida e eficazmente a essa recuperação, aproveitando ao máximo a desorganização da equipa adversária.

Segundo o que foi exposto, podemos concluir que, face à natureza complexa e não linear do jogo, o momento ofensivo começa antes de se ter a bola – com o garante de um equilíbrio ofensivo na defesa – e o momento defensivo começa antes de a ter perdido – com o garante de um equilíbrio defensivo no ataque.

Perante tais factos, parece-nos fundamental compreender de que forma esses equilíbrios são realizados, isto é, que preocupações posicionais e comportamentais deve ter a equipa quando está a defender ou a atacar para garantir esse equilíbrio e uma posterior transição defesa-ataque ou ataque-defesa.

2.3.1. Atacar...defendendo

Segundo o que foi exposto no capítulo anterior, quando a equipa está numa situação defensiva deve também pensar o jogo de uma forma ofensiva e preparar o momento em que se recupera a posse de bola. No entanto parece-nos pertinente compreender que comportamentos deve ter a equipa de modo a garantir que esses equilíbrios são realizados de forma sustentada e segura, ou

seja, como deve a equipa defender para que seja possível realizar transições defesa-ataque mais fluidas e sustentadas pelo equilíbrio ofensivo na defesa.

Para Guilherme Oliveira (2004), o momento de organização defensiva caracteriza-se pelos comportamentos assumidos pela equipa quando não tem a posse de bola com o objectivo de se organizar de forma a impedir a equipa adversária de preparar, de criar situações de golo e de marcar golo.

Para Garganta & Pinto (1998) quando não se tem a bola, deve-se procurar recuperá-la recorrendo a 4 princípios básicos: contenção – fechar linha de remate ou de progressão colocando um jogador entre a bola e a baliza, cobertura defensiva – criar superioridade numérica junto da bola incluindo um segundo defensor, equilíbrio – restabelecer a igualdade numérica após situações de ruptura, e concentração – restringir o espaço disponível para jogar, diminuir a amplitude do ataque, obrigando o adversário a jogar em pequenos espaços, de forma a facilitar a cobertura defensiva e a criação permanente de situações de superioridade numérica.

Castelo (1996) refere que, qualquer que seja a forma de organização que se pretenda colocar em prática, ela deve permitir assegurar constante estabilidade da organização da defesa, criar constantes condições desfavoráveis aos atacantes e direccionar os comportamentos técnico-tácticos dos jogadores adversários para fora dos caminhos da baliza.

Um aspecto que se deve ter em conta quando se defende, é a capacidade e a velocidade de leitura do jogo. Se os defesas permitirem que o portador da bola disponha de muito tempo para encontrar a melhor solução para a sua acção, então nunca irão recuperar a posse de bola. No entanto, acreditamos que, se o portador da bola for condicionado, terá mais dificuldades em obter sucesso nas suas acções.

Para Mahlo (1966, cit. por Castelo, 1994), a resolução eficaz de qualquer situação de jogo é consequência de dois parâmetros fundamentais: a rapidez com que se encontra a solução para o problema e a sua adequação a essa mesma situação. No entanto, Castelo (1994) defende que a rapidez e a adequação são duas qualidades que interagem em sentidos inversos, ou seja, quanto mais tempo os jogadores tiverem para perceber, analisar e executar

as suas acções técnico-táticas, menor será a possibilidade de estes cometerem erros.

Neste sentido, Garganta (1997) defende que restringir o espaço disponível para jogar significa diminuir o tempo para agir e, nessa medida, o jogo consiste numa luta incessante pelo tempo e pelo espaço.

Segundo este entendimento, quanto menos tempo uma equipa ou um jogador tiverem para pensar o jogo, mais dificuldades apresentarão. Deste modo, concluímos que os comportamentos defensivos da equipa devem visar o condicionamento espaço-temporal da equipa adversária.

Tendo por base este objectivo, o treinador pode organizar a equipa segundo as mais diversas referências. Tendo por referência a bola, os colegas e os adversários, o treinador define prioridades e constrói a sua organização defensiva.

Para Castelo (1996), qualquer que seja o sistema de jogo adoptado por uma equipa, a relação geométrica implícita desse sistema, não permite ocupar, restringir e vigiar o espaço total de jogo, havendo a necessidade de se optar consciente e adaptadamente pelos espaços mais importantes à persecução dos objectivos do ataque adversário, tornando-se evidente, em termos de organização defensiva, a importância da coerência de movimentação da equipa e a ocupação racional do espaço de jogo.

Bangsbo e Peitersen (2002, cit. por Amieiro, 2004) afirmam que uma equipa com um bom funcionamento comporta-se como uma unidade compacta na hora de defender, tornando possível pressionar rapidamente o portador da bola, conseguir um apoio mútuo entre os jogadores e concentrar vários jogadores nas proximidades da bola.

Frade (2005) apresenta uma ideia semelhante afirmando que uma equipa, quando defende, deve fazer campo pequeno, reduzir o espaço de jogo à equipa adversária, ter os sectores próximos entre si e conseguir superioridade numérica junto da bola.

Por seu lado, Amieiro (2004) identifica duas principais formas de organização defensiva: defesa homem-a-homem e defesa à zona, sendo que não existe apenas uma forma de defesa homem-a-homem, como também não

existe uma única forma de defender à zona. Para este autor (2004) parecem existir diferenças muito significativas entre a defesa à zona e a defesa homem-a-homem. Se na primeira a grande referência de marcação são os espaços considerados valiosos, na segunda são os adversários directos, ou seja, quando defendemos à zona procuramos defender os espaços considerados mais valiosos, e quando defendemos homem-a-homem devemos defender exclusivamente um adversário directo.

Este entendimento remete-nos para um conflito de princípios: se na defesa homem-a-homem o adversário directo é a grande referencia defensiva de posicionamento e marcação, como fazer campo pequeno e concentrar vários jogadores nas proximidades da bola quando os adversários estão, à partida, em campo grande, aumentando as distâncias entre os jogadores?

Na defesa homem-a-homem, pelos princípios que lhe são inerentes, parece-nos impossível falar em coerência de movimentação da equipa e ocupação racional do espaço de jogo. Este entendimento de organização defensiva caracteriza-se por um soma de acções individuais não coordenadas colectivamente e apenas referenciadas a adversários (Amieiro, 2004).

Ferrari (2001, cit. por Amieiro, 2004), concorda que a marcação homem-a-homem pode levar a que a equipa perca o equilíbrio defensivo, e considera, por isso, mais importante cobrir os espaços do que marcar os jogadores adversários.

Victor Fernandez (1999, cit. por Amieiro, 2004) parece pensar de forma semelhante ao afirmar que o conceito de defesa à zona é aquele que resolve de maneira mais racional o domínio dos espaços e dos tempos, as duas chaves tácticas do jogo de futebol, tal como referia Garganta (1997).

Valdano (2002, cit. por Amieiro, 2004) concorda com restantes autores e sublinha que as equipas ordenadas à zona repartem de forma racional o espaço e o esforço.

Garganta (2004) acrescenta que a zona é uma forma de defender mais fluida, mais inteligente, mais adaptada e adaptativa, onde a estrutura é flutuante, ou seja, ainda que o lateral mantenha a sua zona dentro da zona, ela não é sempre a mesma (não está sempre no mesmo sítio, embora mantenha o

posicionamento relativo), na medida em que a estrutura global vai flutuando em função da posição da bola. Amieiro (2004) entende a zona como um padrão defensivo colectivo dinâmico e adaptativo.

Ao libertar os jogadores da perseguição a adversários e de possíveis logros, a defesa à zona parece assim a única forma de organização defensiva que pode garantir constante superioridade posicional, temporal e numérica nos espaços vitais de jogo, intenção esta que está subjacente à ideia de fazer campo pequeno.

Tal intenção apenas é possível recorrendo ao princípio da basculação defensiva, pois, tal como defende Yagüe Cabezón, (2001, cit. por Amieiro, 2004) esse é um fundamento essencial da defesa à zona, que nos permite diminuir o espaço em largura e dá-nos a possibilidade de ter superioridade numérica junto da bola. Guilherme Oliveira (2004) acrescenta ainda que uma defesa à zona implica comportamentos de praticamente todos os jogadores da equipa.

Perez García (2002, cit. por Amieiro, 2004) parece concordar, referindo que, para se ter uma boa organização zonal, toda a equipa tem que se mover como tal para a zona onde está a bola, sendo isso que vai possibilitar a existência de coberturas e ajudas permanentes.

Já Lopez Lopez (2003, cit. por Amieiro, 2004) defende que as linhas que se encontram atrás da posição da bola devem reduzir os espaços entre si para provocar uma grande densidade defensiva que dificulte a progressão do jogo ofensivo adversário e favoreça a recuperação da bola.

Para Bangsbo & Peitersen (2002) o deslocamento das linhas deve aparentar uma unidade elástica onde o movimento de uma atrai consigo as restantes, ao ponto de os jogadores terem a sensação de que estão unidos entre si por uma cinta elástica, actuando em equipa, como uma unidade compacta, ao deslocar-se sobre o terreno de jogo.

Outro aspecto determinante para a consecução do encurtamento dos espaços é a regra do fora de jogo. A sua existência possibilita a diminuição da profundidade do processo ofensivo adversário e, portanto, dificulta a criação de espaços livres (Yagüe Cabezón, 2001, cit. por Amieiro, 2004).

Amieiro (2004) conclui que são as acções de basculação defensiva em conjunto com o tirar partido da existência da regra do fora de jogo que dão à equipa a possibilidade de fazer campo pequeno e, dessa forma, condicionar a equipa adversária e mais facilmente recuperar a posse de bola.

Para e (2004), quando se defende à zona: i) os espaços são a grande referência alvo de marcação; ii) a grande preocupação é, por isso, fechar como equipa os espaços de jogo mais valiosos (os espaços próximos da bola), para assim condicionar a equipa adversária; iii) a posição da bola e, em função desta, a posição dos companheiros são as grandes referências de posicionamento; iv) cada jogador, de forma coordenada com os companheiros, deve fechar diferentes espaços, de acordo com a posição da bola; v) a existência permanente de um sistema de coberturas sucessivas é um aspecto vital, o qual é conseguido pelo escalonamento das diferentes linhas; vi) é importante pressionar o portador da bola para este se ver condicionado em termos de tempo e espaço para pensar e executar; vii) é a ocupação cuidada e inteligente dos espaços mais valiosos que permite, por arrastamento, controlar os adversários sem bola; e viii) qualquer marcação próxima de um adversário sem bola é sempre circunstancial e consequência dessa ocupação espacial racional. Trata-se de conseguir um padrão defensivo colectivo, complexo, mas também dinâmico e adaptativo, compacto, homogéneo e solidário.

De forma mais sucinta, Amieiro (2004) conclui que, os espaços como grande referência alvo de marcação, a posição da bola e, em função desta, a posição dos companheiros como principais referências de posicionamento, são os três pressupostos tácticos fundamentais da defesa à zona. São estas referências defensivas que, quando perspectivadas correctamente, nos permitem obter superioridade posicional, temporal e numérica na defesa.

Esta perspectiva de organização defensiva colectiva e solidária, pelas referências colectivas que lhe são inerentes parece-nos mais adequada ao potenciamento da ligação com a organização ofensiva, portanto à efectivação dos equilíbrios. Parece-nos que este cenário representa exactamente aquilo que é o futebol actual, perspectivado segundo um contínuum entre os 4 momentos de jogo. Como vimos anteriormente, tratando-se da defesa homem-

a-homem de uma defesa não colaborativa, a posterior construção de jogo ofensivo acaba por acontecer mais através de condutas individuais do que através de uma autêntica colaboração colectiva, pelo menos naqueles que nos parecem ser os momentos fundamentais, os momentos de transição.

Sendo evidente que a defesa à zona parece ser aquela que melhor se adequa às exigências do futebol actual, convém então compreender de que forma esta permite o aparecimento facilitado do equilíbrio ofensivo na defesa.

Para Jesualdo Ferreira (2004), uma das grandes vantagens da defesa à zona, é o facto de permitir um posicionamento mais harmonioso e equilibrado na saída para o ataque. Mourinho (2004) concorda, e defende que a grande vantagem da defesa à zona é o facto de a equipa, quando está a defender, está organizada como quer, significando isto que, quando parte para a transição ofensiva, o jogo acontece em função daquilo que é rotinado.

Valdano (2002, cit. por Amieiro, 2004) também considera a defesa à zona fundamental para se potenciar os equilíbrios, referindo que, quando se defende à zona, a plataforma de saída para o ataque, recuperada a bola, é feita a partir do sítio dos hábitos, razão pela qual cada jogador ganhará confiança.

Camacho (2004) compara a defesa à zona com a defesa homem-a-homem no que se refere ao equilíbrio ofensivo da defesa, afirmando que, defendendo à zona, quando um jogador recupera a posse de bola, sabe onde estão os companheiros, sabe que pode jogar com eles porque sabe que os companheiros têm que ocupar aqueles espaços. Contudo, se colocasse a equipa a defender homem-a-homem, quando um jogador recuperasse a posse de bola, não saberia onde iriam estar os companheiros. A colocação dos jogadores iria estar dependente da equipa adversária.

Na mesma linha de pensamento, Guilherme Oliveira (2004) afirma que a transição que existe da organização defensiva para a organização ofensiva é uma transição em função daquilo que nós pretendemos e não nos é estranha, daí que tenhamos que arranjar uma organização defensiva que potencie a forma como nós atacamos. Se isso não se verificar, o que acontece é que vamos estar a atacar de uma forma e a defender de outra e, quando

ganharmos a posse de bola, os jogadores não vão estar colocados como nós pretendemos para determinado tipo de jogo.

Garganta (2004) afirma que, ao criarmos condições para sermos equipa quando defendemos, certamente que mais facilmente continuaremos a ser equipa quando ganharmos a bola, não só em relação ao primeiro tempo, ao primeiro passe, mas também em relação à criação de linhas de passe, à repartição dos jogadores de uma forma racional pelo terreno de jogo no sentido de rapidamente podermos criar várias linhas de passe em apoio e garantir algumas linhas de passe em ruptura. Se cada jogador andar atrás do seu adversário directo e, de repente, a equipa recuperar a posse de bola, os jogadores vão estar nas posições para onde o adversário os levou, ou seja, não estarão nos locais onde podem receber a bola e criar condições para atacar. Com esta perspectiva de organização defensiva, a equipa terá grandes dificuldades em preparar a construção do ataque ainda em fase defensiva. Já a zona permite criar condições positivas na medida em que sabemos que quando ganharmos a posse de bola dispomos de vários jogadores em zonas que podem funcionar como primeiras estações de receção e que possibilitam, por exemplo, tirar a bola da zona de pressão e mais facilmente sair a jogar.

Amieiro (2004) afirma que estar bem posicionada a defender é apresentar uma configuração estrutural pensada de forma a otimizar a transição defesa-ataque, é apresentar um equilíbrio ofensivo na defesa perspectivado em função do modo como se quer, em seguida, atacar.

O mesmo autor (2004) afirma que a zona representa uma grande vantagem ao nível da transição defesa-ataque, porque partimos de uma organização defensiva colectiva conhecida e, sendo assim, acontece segundo um padrão, pois as posições dos jogadores são sempre conhecidas do colectivo.

Perspectivar o momento defensivo em função da forma como se quer, em seguida, atacar, prende-se com a própria configuração estrutural defensiva da equipa, tendo em vista um equilíbrio ofensivo na defesa. Se com uma defesa de referências individuais se torna difícil concretizar esta intenção, com referências zonais, isso parece possível.

2.3.2. Defender...atacando

Se a defesa à zona parece ser a opção mais adequada de defender para garantir o equilíbrio ofensivo na defesa, importa perceber que preocupações devem existir na organização ofensiva para que o equilíbrio defensivo no ataque seja mais adequadamente efectivado.

Para Guilherme Oliveira (2004), o momento de organização ofensiva é caracterizado pelos comportamentos que a equipa assume aquando da posse de bola com o objectivo de preparar e criar situações ofensivas de forma a marcar golo.

Para Garganta & Pinto (1998), quando a equipa tem a bola deve adoptar os seguintes comportamentos: penetração – verificar se existe possibilidade de finalizar ou espaço livre de progressão para a baliza contrária, cobertura ofensiva – criar situação de superioridade numérica junto da bola através da inclusão de um segundo atacante, mobilidade – criação de linhas de passe de modo a construir situações possíveis de penetração, e espaço – tornar o jogo mais aberto, com maior amplitude, em largura e profundidade, criar linhas de passe de forma a obrigar a defesa a flutuar e a ter maior dificuldade em criar situações de superioridade numérica.

Se no capítulo anterior ficou evidente que a organização defensiva da equipa deve procurar criar condicionalismos espaço-temporais no ataque adversário, consideramos que o princípio contrário se aplica na organização ofensiva de uma equipa, ou seja, quando em posse de bola a equipa deve tentar aumentar o espaço de jogo, abrindo a possibilidade de ter mais tempo para executar os elementos táctico-técnicos adequados a cada momento do jogo.

Terrazas Sánchez (2002 cit. por Amieiro, 2004) sustenta que, para atacar correctamente, o fundamental é ter espaço, por isso a equipa deve abrir o espaço, abrir o campo para jogar. Frade (2005) concorda e defende que uma equipa, quando ataca, deve fazer campo grande, ocupando corredores e dando profundidade e largura ao jogo. Também Mourinho (1999) nos diz que, se a equipa não conseguir fazer campo grande, a criação de espaços é

completamente impossível de fazer e estaria a limitar muitíssimo os espaços entre linhas.

Destes dois requisitos fundamentais acima referidos pelos autores, emergem as opções dos treinadores sobre o modo como equacionam o momento em que a equipa tem a bola.

Segundo Barreto (2003), existem duas vertentes de treinadores: nos primeiros a bola aparece no centro de tudo, surgindo a posse de bola como um princípio importante e fulcral dos seus modelos de jogo; e outros que são obcecados pela tática e acima de tudo pelo físico, pelo que é medível, e onde as melhorias podem ser vistas através de simples números e cálculos matemáticos.

Nesta linha de pensamento, Valdano (2002, cit. por Barreto, 2003) refere que continuam a existir treinadores que defendem que não necessitam de ter a posse de bola para dominar as partidas, contudo, logo à partida, isto exclui o ataque como uma hipótese de trabalho. O curioso é que, quando um treinador diz algo tão sem lógica, tão descontextualizado da realidade do futebol actual, depois de ganhar algumas partidas seguidas, pode-se transformar um embuste numa verdade absoluta.

Contra esses embustes Barreto (2003), defende que uma filosofia de jogo assente na arte da posse de bola, fazendo-a circular por todos os jogadores posicionados em todos os espaços disponíveis e existentes no campo, obriga o adversário a grandes níveis de concentração, a desgastes físicos e mentais enormes, enervando-o, desestabilizando-o, fazendo com que mais cedo ou mais tarde apareçam os erros, os desequilíbrios, os espaços.

Castelo (1996) parece concordar. O autor sustenta que a posse de bola não é um fim em si e torna-se utópico se não for conscientemente considerada como o primeiro passo indispensável no processo ofensivo, sendo condição «sine qua non» para a concretização dos seus objectivos fundamentais: a progressão/finalização e a manutenção da posse de bola, esta última conseguida através da circulação da bola pelos jogadores. Quando realizada de forma contínua, eficaz e fluente, por todos os jogadores, a circulação de

bola cria uma contínua instabilidade e, conseqüentemente, desequilíbrios na organização adversária.

Tal como na defesa à zona não existe apenas uma forma de defender à zona, também acreditamos que nos momentos de organização ofensiva perspectivados segundo a posse e circulação de bola, suportadas pela ocupação total do espaço de jogo, tal concordância também não existe. Se todos somos seres diferentes e temos ideias diferentes, a posse e circulação de bola não será realizada do mesmo modo por todos os treinadores.

Tal como afirma Barreto (2003), no futebol existem diferentes formas de realizar a circulação de bola, não existe uma única fórmula para o sucesso. No entanto todas têm como fio condutor o modelo de jogo preconizado/idealizado pelo treinador, os princípios instituídos por este para pôr em prática essa filosofia de jogo.

Segundo Valdano (1998), no Ajax sabem que há o passe de pé para pé, que faz lento o andar colectivo, e um passe para o espaço que acelera o processo, sabem que sem mobilidade não há toque, mas se não se conservarem determinadas posições também não.

Esta parece-nos uma forma simples de caracterizar o futebol de ataque, a iniciativa de jogo, a circulação de bola, o jogo ofensivo (no verdadeiro sentido da palavra) colectivo, caracterizado também por uma dinâmica de conjugação da mobilidade de uns jogadores com um posicionamento referencial dos outros jogadores. Devemos então debruçar-nos sobre os requisitos fundamentais do momento de posse de bola, que permitam à equipa atacar contemplando o momento de perda da posse de bola, ou seja, atacar mantendo o equilíbrio defensivo.

Mourinho (2002, cit. por Barreto, 2003) defende que para existir uma boa posse de bola tem que haver uma grande cultura táctica e grande técnica. O autor acrescenta que deve sempre existir um bom jogo posicional dos jogadores, grande capacidade de utilização indistinta das duas pernas, boa leitura de jogo, bom primeiro toque, bom controlo e uma boa qualidade de passe, de modo a que se tenha uma boa velocidade de circulação de bola. Esta alta circulação de bola, é primordialmente suportada por um bom jogo

posicional e pela segurança que todos os jogadores têm ao saber que em determinada posição há um jogador, que sob o ponto de vista geométrico há algo construído no terreno de jogo que lhes permite antecipar a acção.

Mourinho e Cruyff fazem emergir a necessidade de a equipa ter um bom jogo posicional que permita que determinadas posições estejam sempre ocupadas. Do nosso ponto de vista estas referências posicionais permitem que os jogadores que estão em mobilidade tenham sempre várias linhas de passe de segurança, para serem utilizadas para garantir a manutenção da posse de bola. Além dessa garantia de segurança, acreditamos que estas posições referenciais têm também como função equilibrar defensivamente a equipa no momento ofensivo.

Mourinho (2004) refere que, quando em posse de bola, a equipa tem que estar preparada sob o ponto de vista posicional para o momento da perda. José Gomes (2004) concorda e acrescenta que, quando estamos a atacar, já devemos estar preocupados em como é que vamos defender caso percamos a bola.

Jesualdo Ferreira (2004) parece concordar e afirma que defender bem é, em primeiro lugar, a equipa estar bem posicionada no momento em que tem a posse de bola, porque ao perdê-la, estará em boas condições de a poder recuperar rapidamente. Para o autor existem uma série de mecanismos defensivos que se devem começar a articular no momento em que a equipa ganha a posse de bola e entra no processo ofensivo.

Guilherme Oliveira (2004) defende que existe a necessidade de a equipa saber ocupar determinados espaços, os quais tanto permitam ser ofensiva com qualidade, como, em situações de perda da posse de bola, facilmente a recuperar. E acrescenta que em posse de bola, no seu entendimento, é fundamental existirem sempre três defesas na estrutura defensiva, nunca podendo subir duas defesas ao mesmo tempo, além de que certos jogadores que fazem parte da organização do meio campo têm que estar posicionados em determinados locais de forma a terem, simultaneamente, um papel ofensivo e defensivo.

Amieiro (2004) acrescenta que só o posicionamento em função da bola permite que, no momento da perda, mais importante que em superioridade numérica, a equipa esteja em superioridade posicional e temporal e explica que o fundamental no equilíbrio defensivo no ataque é a existência permanente de um equilíbrio posicional no seio da equipa, o qual se traduz na ocupação cuidada e inteligente dos espaços de ataque, no sentido de permitir uma reacção rápida e eficaz à perda da posse de bola, ou seja, trata-se de assegurar a permanente gestão colectiva do espaço e do tempo de jogo, com vista ao domínio dos momentos de transição ataque-defesa.

2.4. As Transições como resposta face à «inteireza inquebrantável» que o «jogar» deve manifestar.

Tal como foi evidenciado nos capítulos anteriores, os momentos de transição serão tanto mais eficazes quanto mais forem concebidos em função dos momentos que os antecedem, ou seja, a passagem do momento de organização ofensiva para o momento de organização defensiva será tanto mais eficaz quanto mais se atender à necessidade de equilibrar defensivamente a equipa enquanto se ataca e a passagem do momento de organização defensiva para o momento de organização ofensiva será tanto mais eficaz quanto se reconhecer a importância de equilibrar ofensivamente a equipa quando em situação defensiva. Perante a necessidade de tais preocupações, parece-nos evidente que o Jogo apresenta grandes ligações entre todos os seus momentos, evidenciando-se como algo de contínuo, não fraccionado, com necessidade de grande fluidez entre todos os momentos.

Para Amieiro (2004), o projecto de jogo da equipa será tanto mais qualitativo, quanto mais for concebido como um todo, em função do qual as diversas partes (organização ofensiva e defensiva e transições entre estes dois momentos) se articulam, todo esse que não é mais que o «jogar» que se pretende. Para Amieiro (2004), essa articulação de sentido entre as partes muitas vezes não é tida em conta porque simplesmente não se concebe o Jogo

como esse fluxo contínuo não faseado, o qual requisita uma organização de jogo global, contempladora da maximização da articulação de sentido que deve orientar a qualidade de manifestação regular dos quatro momentos do «jogar», isto é, uma organização de jogo que consiga reflectir e responder eficazmente àquilo que Frade (2002, cit. por Amieiro, 2004) chama de inteireza inquebrantável do jogo, ou seja, a organização de jogo da equipa deve também ela ser uma inteireza inquebrantável, em que o todo seja superior à soma das partes quando estas são consideradas isoladas umas das outras.

Essa preocupação é evidenciada por Mourinho (2004) ao afirmar que não consegue dissociar os momentos ofensivo e defensivo, pois a equipa é um todo e o seu funcionamento é feito num todo também.

Garganta (2004) concorda e defende que o Jogo deve ser entendido como um fluxo contínuo. Contudo, se não é faseado, o Jogo necessita de ser construído. Frade (2005) concorda e refere que o «jogar» não é um fenómeno natural, mas construído. Por seu lado, Amieiro (2004) acrescenta que, sendo um fenómeno construído, qualquer Jogo tem ataque, defesa e transições, sendo que a questão está em saber qual a adequação dessas construções às reais exigências daquilo que o Jogo é de facto. Para este autor o Jogo é fluido na passagem de uns momentos para os outros, mas tanto mais o será quanto mais se tomar consciência disso mesmo e da necessidade da construção das partes do nosso «jogar» acontecer, ou ser articulada, em função do todo que se deseja, ou seja, é necessário conceber e operacionalizar os princípios de jogo relativos a cada um dos quatro momentos do nosso «jogar», de modo a assegurar a identidade e a integridade do projecto de Jogo da equipa.

Reforçando a ideia de construir convenientemente o «jogar» da equipa, Frade (2005) refere que uma equipa de top tem determinadas regularidades que fazem com que, tanto a defender como a atacar, 6 ou 7 jogadores pensem em função da mesma coisa ao mesmo tempo.

Camacho (2003) vai mais longe e defende que, nas grandes equipas, já não existe espaço para jogadores incompletos, para jogadores que não participem nos quatro momentos do jogo, pois saber jogar é perceber o que a equipa precisa em cada momento do jogo.

Caneda Pérez (1999, cit. por Amieiro, 2004), refere que é tarefa do treinador dotar a equipa de uma organização através da qual o valor do conjunto exceda a soma dos valores individuais, sendo imprescindível manejar conceitos de trabalho colectivos na medida em que a coordenação aumenta a eficácia.

Garganta (2004) refere que a grande vantagem dos melhores treinadores e das melhores equipas está na capacidade que têm de conceber e gerir as partes, sem perder de vista o todo (o jogo). Quando tentamos gerir as partes, fazemo-lo de tal forma que perdemos sistematicamente de vista o jogo, e não treinamos as ligações entre os 4 momentos de jogo, levando a que o treinar não tenha transferência para a competição.

Sendo estreita a relação entre defesa e ataque e, como tal, errado perspectivar a organização ofensiva e defensiva isoladamente, emerge a necessidade de preparar as ligações entre estes dois momentos do jogo.

Parece-nos evidente que é fundamental conceber os momentos de Transição adequando-os aos momentos de organização ofensiva e defensiva, e vice-versa, permitindo que o «jogar» da equipa seja um contínuum e se manifeste regularmente. Tal só parece possível se for dada a estes momentos a mesma importância que é dada aos momentos de organização ofensiva e defensiva. Aventuramo-nos a ir mais longe e a afirmar, suportados nos autores referidos, que deve ser dada mais importância à preparação dos momentos de transição do que à preparação dos restantes momentos de jogo.

Sendo a articulação entre os momentos de organização ofensiva e defensiva crucial para a perseguição do objectivo do jogo, parece-nos fundamental compreender como pode esta articulação ser potenciada, que metodologia de treino e que tipo de gestão do processo de treino se deve adoptar e que princípios de jogo se devem elaborar de modo a conseguir uma ligação mais rápida e eficaz entre ataque e defesa e vice-versa.

2.5. Construir o «jogar»

Para Guilherme Oliveira (2004), a definição do Modelo de Jogo de uma equipa, dos respectivos princípios e sub-princípios, configura comportamentos e padrões de jogo que devem ser assumidos em cada um dos momentos e na sua interrelação, requisitando dos jogadores conhecimentos específicos/imagens mentais, para o seu reconhecimento e para a respectiva intervenção, conhecimentos esses criados através do experienciar da dinâmica dos exercícios propostos pelo treinador.

Segundo o autor (2004), os exercícios propostos, isto é, o processo de ensino-aprendizagem/treino pretende criar conhecimentos específicos/imagens mentais, que permitam ao jogador e à equipa agir nos diferentes momentos de jogo, perante os problemas criados, em função de uma ideia colectiva de jogo, o Modelo de Jogo da equipa.

Consideramos então que o modelo de jogo afigura-se imprescindível na construção de um processo de ensino-aprendizagem/treino, uma vez que será o orientador de toda a operacionalização do referido processo.

Segundo Castelo (1996), o modelo de jogo deve evidenciar um carácter aberto e criativo e a definição e reprodução do sistema de relações e inter-relações estabelecidas entre os diferentes elementos da equipa.

Segundo Guilherme Oliveira (2004), na criação de um Modelo de jogo para uma equipa, deve-se atender às interacções entre a (I) concepção de jogo do treinador - formada pela organização das respectivas ideias de jogo as quais vão permitir criar um Modelo de Jogo, promover uma operacionalização e gerir essa operacionalização; (II) as capacidades e as características dos jogadores – que se revelam fulcrais uma vez que existem diferenças em treinar jogadores de níveis competitivos diferentes e, como tal, o treinador deve assumir diferentes estratégias de abordagem e de operacionalização, de forma a racionalizar e gerir o melhor possível todo o processo em função do Modelo pretendido; (III) os princípios de jogo - podem ser considerados como as características/comportamentos que uma equipa evidencia nos diferentes momentos de jogo, podendo assumir várias escalas, mas sendo sempre

representativos do Modelo de Jogo Adoptado independentemente da escala de manifestação, isto é, os princípios de jogo, ou padrões de comportamento, podem ser decompostos em sub-princípios e estes em sub-sub-princípios, mas nessa decomposição não pode deixar de haver representatividade do todo, do Modelo de Jogo Adoptado; (IV) as organizações estruturais - são as disposições iniciais dos jogadores em campo; e (V) a organização funcional - é a forma de manifestação do Modelo de Jogo, é o produto da criação que a interacção entre a concepção de jogo do treinador, os princípios e os sub-princípios que o constituem, a intervenção activa dos jogadores no Modelo e as diferentes estruturas que esse Modelo pode assumir;

Um outro conceito relacionado com o processo de ensino-aprendizagem/treino, sem o qual este não tem ligação ou sentido é o conceito de Especificidade.

Especificidade é uma criação que parte da individualização de um Modelo de Jogo, que se conjectura e se vai criando através da interacção dos jogadores com esse modelo. Esta perspectiva de Especificidade condiciona e direcciona tudo aquilo que deve ser feito no processo de ensino-aprendizagem/treino e tem uma relação de cumplicidade permanente com as diferentes formas de expressão do conhecimento específico dos jogadores. A operacionalização do conceito de Especificidade condiciona o formato do processo ensino-aprendizagem/treino, mas também, obrigatoriamente, a intervenção nesse formato, isto é, para que o conceito de Especificidade seja atingido durante o treino, não basta que os exercícios propostos sejam potencialmente Específicos, é necessário uma intervenção interactiva do treinador com o exercício e com os jogadores para que ela aconteça, antes, durante e após o exercício, funcionando o treinador como catalisador positivo dos comportamentos desejados, associando-lhes emoções positivas e/ou marcadores somáticos positivos, e inibindo comportamentos inadequados, associando-lhes emoções negativas e/ou marcadores somáticos negativos (Guilherme Oliveira, 2004).

Parece-nos visível que o «jogar» difere entre todas as equipas, pois cada treinador constrói o seu «jogar» e, ainda que haja treinadores com ideias

semelhantes, os contextos são sempre singulares, determinando um «jogar» diverso.

O modelo de jogo será, portanto, um fenómeno que estará sempre em construção, modificando e modelando certos aspectos sem interferir com a sua matriz principal.

Tal construção deve ser dirigida pelo treinador. É ele o máximo responsável e o maestro da construção do «jogar» que se pretende. Deve ter uma ideia clara, específica e singular do jogo, transmiti-la aos jogadores através do treino de forma clara e concisa, de maneira a que os jogadores compreendam quais os objectivos e que «jogar» se pretende.

No entanto, é no processo de transmissão, apropriação e aprendizagem do «jogar» que residem os principais problemas das equipas, pois tal como defendem Amieiro et al. (2006), é preciso tempo para uma equipa se organizar e expressar qualidade, para jogar à imagem do seu treinador, contudo, o tempo necessário depende muito da metodologia de treino utilizada. Apesar de todas as metodologias se preocuparem em pôr a equipa a jogar de uma dada forma, o caminho utilizado é substancialmente diverso.

Não raras vezes, os treinadores consideram que a simples transmissão de informação, de como querem que os jogadores se posicionem, que organização deve ter a equipa em cada momento de jogo, que princípios deve ter em cada um desses momentos, que sub-princípios compõem esses princípios, é suficiente para os jogadores entenderem qual o modelo de jogo da equipa. No entanto, acreditamos que tal não é possível. Ainda que os jogadores compreendam claramente a ideia de jogo do treinador, no momento de a colocar em prática, outros conhecimentos emergem do subconsciente, conhecimentos adquiridos ao longo dos anos de prática, ao longo dos exercícios treinados durante essa semana, ao longo dos jogos anteriores.

É, portanto, fundamental que se formule o processo de treino em função da aprendizagem de um determinado entendimento de jogo. E o jogador só vai realmente apropriar-se desse entendimento se o vivenciar e se sentir que tal é realmente positivo e bom para si e para a equipa, através da manifestação regular de um «jogar» fluido, colectivo e de qualidade.

2.5.1. A neurologia do treino...antecipemos as acções do jogo para nos anteciparmos ao próprio jogo

Como em qualquer processo de aprendizagem, o treinador deve ter em consideração o conhecimento mais avançado existente em relação à máquina que processará toda a informação transmitida: o corpo e a mente.

Sendo os momentos de jogo mais importantes, as transições necessitam de ser treinadas de forma mais intensa, ou seja, nas transições os jogadores têm que estar mais concentrados, têm que decidir adequadamente num curto espaço físico e temporal, e, portanto, têm que possuir na sua mente mecanismos que lhes permitam acelerar esse processo de modo a cumprirem de forma efectiva os princípios dos momentos de transição do «jogar» que se pretende.

2.5.1.1. O Hábito adquirido na acção

No jogo, em qualquer acção, o primeiro problema (não consciente) que se coloca ao jogador é sempre de natureza táctica («O que faço aqui e agora?»), sendo a resposta predominantemente não consciente. Na procura da resposta que situe o jogador no jogo, surge o conceito de intenção.

Uma intenção é uma representação mental muito especial: ela representa o que é apenas possível, implica obrigatoriamente o agente na preparação da acção, e pode ser, muitas vezes, não consciente (Jacob & Lafargue *cit. por* Amieiro *et al*, 2006). Para estes autores, enquanto algumas intenções resultam de uma deliberação consciente anterior à acção, outras nascem no calor da acção sem que sejam sempre premeditadas. Devemos então distinguir intenções prévias, conscientes, de intenções em acto, muitas vezes não conscientes.

Segundo Amieiro *et al*. (2006) muitas das tomadas de decisão do jogador no calor da acção, não são premeditadas. O jogador simplesmente faz, em função de hábitos adquiridos, isto é, saberes remetidos para o não

consciente. E porque o hábito é um saber fazer que se adquire na acção, treinar em especificidade e ter na repetição sistemática o suporte da viabilidade da aquisição dos seus princípios de jogo permite-lhe promover o aparecimento, no seio da equipa, de intenções em acto em conformidade com as intenções prévias. O treinador deve procurar que os jogadores adquiram um conjunto de intenções prévias – representações mentais – relativas a uma forma de jogar específica e depois, nos exercícios, promover o aparecimento de intenções em acto adequadas às intenções prévias, sendo a sua intervenção fundamental no sentido de diminuir as discrepâncias entre as mesmas.

Segundo Jacob & Lafrague (cit. por Amieiro et al, 2006) as intenções prévias são premeditadas e as intenções em acto podem ser muitas vezes não conscientes; quanto à consciência, constitui mais um meio de nos apropriarmos dos nossos actos do que um iniciador da acção. Quando se realiza um acto voluntário, o cérebro produz uma cópia de eferência que prediz instantaneamente os efeitos da acção. Este fenómeno cria no agente de um acto voluntário a ideia de um laço de causalidade entre uma intenção e um efeito.

Para além de um simples repetição, o processo de aprendizagem necessita de uma intencionalidade nas acções que o torne verdadeiramente educativo. Portanto, quando o sujeito toma consciência da sua intenção em acto, através da repetição sistemática, o hábito adquire-se mais facilmente.

Segundo Damásio (2000), o automatismo ou hábito, resulta de conhecimentos, isto é, imagens mentais, que foram criados através das experiências, algumas conscientes e outras não conscientes, que ficaram gravadas nas memórias, e que vão ser utilizados para se decidir e reagir rapidamente perante determinada situação.

No seguimento deste pensamento, o autor (2000) salienta que a automatização também tem grande valor nos desempenhos tecnicamente complexos. Para Amieiro et al (2006) a torna-se evidente a importância da aquisição de hábitos referentes ao nosso «jogar», não só para que esse padrão de jogo se manifeste com regularidade em competição, mas também para que a atenção dos jogadores passe apenas a ser necessária relativamente às

nuances particulares de cada situação, ou seja, à gestão do instante. Isto resultará principalmente na maior disponibilidade dos jogadores para encontrar soluções criativas não contempladas à partida no modelo de jogo. Damásio (2003) reforça esta ideia referindo que, da mesma forma que o cérebro reage a um problema que se declara no corpo, também reage quando o corpo funciona bem. Quando o corpo funciona sem dificuldade e quando a transformação e a utilização de energia se desenrolam com à-vontade, o corpo comporta-se com um estilo definido. Nota-se uma descontração e abertura do corpo, bem como expressões que traduzem confiança e bem-estar.

Para Damásio (2000), o facto de podermos dispensar um exame consciente nalgumas tarefas automatiza uma parte considerável do nosso comportamento e liberta-nos em termos de atenção e de tempo para planear e executar outras tarefas mais complexas e para criar soluções para problemas novos.

2.5.1.2. Quando o Modelo de Jogo fica marcado na mente

Tal como vimos anteriormente, qualquer metodologia de treino deve centrar-se na aprendizagem do «jogar» pretendido pelo treinador, na aquisição de conhecimentos e comportamentos específicos relativos ao Modelo de Jogo adoptado pelo treinador. Treinar é adquirir comportamentos, é aprendizagem. E para haver aprendizagem, o jogador tem que se sentir “convencido” de que aquele é o caminho, que o modelo de jogo adoptado é o melhor para a sua equipa, ou seja, tem que acreditar no treinador. Por outro lado, o treinador não deve ser agente passivo neste processo. Ele deve fazer-se convencer e, para que tal ocorra, deve adoptar uma série de estratégias que potenciarão a aquisição e a aprendizagem do «jogar» pretendido.

Os processos de memória, conhecimento e aprendizagem estão intimamente relacionados. Segundo Damásio (1994), razão e emoção não jogam em campos diferentes. As emoções são um meio natural de avaliar o ambiente que nos rodeia e de reagir de forma adaptativa. Por vezes avaliamos conscientemente os objectos que causam as emoções, no verdadeiro sentido

da palavra avaliar, notando não só a presença de um objecto mas a sua relação com outros objectos e a sua ligação com o passado. Nessas ocasiões, o aparelho das emoções avalia e o aparelho da mente consciente avalia também, pensadamente. Como resultado dessa co-avaliação podemos modular as nossas respostas emocionais. Uma das finalidades principais da nossa educação é interpor uma etapa de avaliação não-automática entre os objectos que podem causar emoções e as respostas emocionais. Em muitas outras circunstâncias, as emoções ocorrem sem que possamos fazer qualquer avaliação do objecto que as causa e ainda menos a situação em que esse objecto aparece. O autor acrescenta que, mesmo quando uma emoção ocorre sem que tenhamos consciência do estímulo-emocional-competente, a emoção continua a indicar que o organismo avaliou, de certo modo, a situação. As emoções permitem-nos criar um sistema de navegação automática que nos ajuda nas tomadas de decisão. Contudo, este sistema só será benéfico quando associado à intervenção do treinador como catalisador do processo.

Desta forma podemos verificar que, no processo de aprendizagem das transições, sendo a avaliação das situações determinante para o sucesso desse momento, as emoções desempenham um papel fundamental pois, tal como será analisado de seguida, o papel das emoções está intimamente ligado ao processo de tomada de decisão e às consequências das boas e más decisões.

Em todas as situações da vida criamos parcerias entre as escolhas e respectivas consequências, categorizando essas relações de acordo com as emoções despoletadas. Quando somos confrontados com uma situação semelhante àquelas já categorizadas, rapidamente, a maquinaria cerebral dá-nos a resposta emocional associada àquele tipo de situação.

Estes conhecimentos levaram Damásio (1994) a formular a hipótese do marcador-somático: quando tomamos determinada decisão e dela advém um resultado, positivo ou negativo, ocorre sempre uma sensação corporal agradável ou desagradável, marcando uma imagem no mapa cerebral. As emoções e sentimentos que originam os marcadores somáticos, são associados, por via da aprendizagem, da vivenciação de experiências aos

resultados, às consequências, de determinadas acções ou situações e condicionarão as tomadas de decisão futuras em cenários semelhantes (Amieiro et al, 2006). Quando um marcador somático está associado a um aspecto negativo e se justapõe a um determinado resultado futuro, a combinação funciona como uma campainha de alarme. Pelo contrário, quando o marcador somático tem associado um resultado positivo, a combinação funciona como um incentivo. Damásio (1994) afirma ainda que, por vezes, os marcadores somáticos funcionam sem surgirem na consciência.

Para o autor (1994), os marcadores somáticos não tomam decisões por nós. Eles ajudam o processo de decisão dando destaque a algumas opções, tanto adversas como favoráveis, e eliminando-as rapidamente da análise subsequente. Actuam como um sistema de qualificação automática de previsões, que actua, quer se queira quer não, com vista à avaliação de cenários extremamente diversos do futuro que antecipamos.

Nos processos de decisão, sobretudo em situações em que reina alguma incerteza e contingência, como nos momentos de transição, é-nos dada pelo corpo uma ajuda preciosa, através dos marcadores somáticos.

2.5.1.3. Convencer os jogadores...sentindo o «jogar»

Segundo Amieiro et al (2006) não são só os feedbacks positivos ou negativos a marcar as experiencias do corpo. Concomitantemente importante é os jogadores sentirem, no calor da acção, de forma consciente ou não consciente, que as coisas funcionam, que os princípios de jogo que se querem conseguir fazem sentido. A intervenção do treinador ao nível do aqui e agora torna-se, pois, fundamental ao longo do processo.

A este nível, Damásio (2003) refere que todas as emoções originam sentimentos. Se a emoção consiste numa resposta afectiva a um estímulo, resposta essa que se traduz por um conjunto de modificações neurais e químicas no estado do organismo, o sentimento consiste, grosso modo, na representação ou no acompanhamento mental dessas alterações. O

sentimento de uma emoção é, na sua essência, uma ideia de um certo aspecto do corpo quando o organismo, como um todo, reage a um determinado objecto ou situação. As emoções, que precedem os sentimentos, desenrolam-se no teatro do corpo enquanto os sentimentos se desenrolam no teatro da mente. Para o autor, a maquinaria da emoção deu aos organismos a capacidade de responderem com eficácia, mas de um modo pouco original, a várias circunstâncias que promovem ou ameaçam a vida. A maquinaria do sentimento introduziu um alerta mental para as boas e as más circunstâncias, e permitiu prolongar o impacto das emoções ao afectar a atenção e a memória de maneira duradoira. Mais tarde, numa combinação frutífera de memórias do passado, imaginação e raciocínio, os sentimentos levaram à emergência da capacidade de antecipação e previsão de problemas e à possibilidade de criar soluções novas e não estereotípicas. Como acontece frequentemente quando um dispositivo novo é incorporado no repertório biológico, a natureza serve-se daquilo de que já dispunha, o que, no caso do sentimento, nada mais é do que a emoção.

Para Amieiro et al (2006), talvez o sentimento possa ser uma ideia de corpo quando o organismo, como um todo, reage emocionalmente durante a vivenciação hierarquizada de uma certa forma de jogar. Podemos falar de uma espécie de especificidade de sentimentos, entendidos como mapas cerebrais que representam as reacções ao processo e os seus resultados. Se assim for, segundo os autores, estes serão tanto mais significativos quanto mais o processo promover o seu aparecimento, o mesmo é dizer, quanto mais se treinar em especificidade.

2.5.1.4. A antecipação da acção

Tal como referia Cruyff no ponto 2.2 a capacidade de antecipação das acções é determinante para o sucesso das transições. Exploremos, então, de que forma essa capacidade pode ser potenciada ao longo do processo de

treino, de modo a contribuir para o crescimento qualitativo dos jogadores e da equipa.

Um dos conceitos fundamentais para esse crescimento é o conceito de imagem. Para Damásio (2000), imagem são padrões mentais com uma estrutura construída com a moeda corrente de cada uma das modalidades sensoriais, não se refere apenas a imagens visuais. Imagens de todas as modalidades ilustram processos e entidades de todos os géneros, tanto concretos como abstractos. As imagens também ilustram as propriedades físicas de diversas entidades e as relações espaciais e temporais entre essas entidades, algumas vezes de forma esboçada, outras não, assim como as suas acções. O processo a que chamamos mente, quando as imagens mentais se tornam conscientes, é um fluxo contínuo de imagens, muitas das quais se revelam interligadas. O fluxo move-se para a frente no tempo, depressa ou devagar, de forma ordeira ou sobressaltada e, algumas vezes, avança não apenas numa sequência mas em várias. A este fluxo de imagens, podemos chamar pensamento.

O mesmo autor (2000) defende que as imagens podem ser conscientes ou não conscientes. No entanto, devemos notar que nem todas as imagens que o cérebro constrói se tornam conscientes. Há uma enorme desproporção entre o grande número de imagens que são constantemente geradas e que competem umas com as outras e a janela, relativamente pequena, através da qual as imagens se tornam conscientes – a janela através da qual as imagens são acompanhadas pela sensação, imagética também, de que estamos a apreendê-las e de que lhes estamos a prestar a devida atenção.

Para o Amieiro et al (2006), Damásio faz corresponder o primado da imagem ao primado do corpo, ou seja, o corpo real, o corpo na acção, o corpo em relação com o objecto, parece ser a base indispensável para os fenómenos da mente e da razão. E acrescentam que a simples informação não altera comportamentos, é necessário um corpo na acção.

Para Damásio (2003), a capacidade de sentirmos o que está a acontecer em nós, no corpo, ou seja, as modificações causadas por um objecto, está na base desse sentimento particular que é a consciência. Os sentimentos abrem a

porta a uma nova possibilidade: o controlo voluntário daquilo que até então era automático.

Damásio (2000) defende que a consciência consiste numa construção de conhecimento acerca do facto de que o organismo está envolvido numa relação com um objecto, e o facto de que o objecto nessa relação está a causar uma modificação no organismo.

Para Amieiro et al (2006), a construção de conhecimento, a consciência relativa a uma dada forma de jogar, só vai emergindo ao longo da vivenciação hierarquizada dos princípios de jogo, pois só aí é que a verdadeira relação entre o organismo e o objecto se estabelece e só aí acontecem as modificações específicas no organismo pela sua relação com o objecto. A simples informação não altera comportamentos, porque a verdadeira consciência não está aí, ela emerge com o corpo na acção.

Damásio (2000), defende ainda que a consciência tem que estar sempre presente para que os sentimentos possam influenciar o sujeito que os tem, para além do aqui e agora imediato. É no teatro da mente consciente que os sentimentos produzem os seus efeitos mais importantes e duradouros.

Damásio (2000) fala-nos ainda de consciência nuclear e consciência alargada. A primeira fornece ao organismo um sentido de si num momento e num lugar. O âmbito da consciência nuclear é o aqui e agora, e para o autor, esta não ilumina o futuro, e o único passado que nos permite vagamente vislumbrar é o que ocorreu no instante exactamente anterior. No lado oposto, a consciência alargada, que é edificada nos alicerces da primeira, fornece ao organismo um elaborado sentido de si e coloca essa pessoa num determinado ponto da sua história individual, amplamente informada acerca do passado que já viveu e do futuro que antecipa, e agudamente alerta para o mundo que a rodeia. Na consciência alargada, tanto o passado como o futuro antecipado são sentidos em simultâneo com o aqui e agora, numa visão abrangente.

Amieiro et al (2006) acrescentam que, ainda que a consciência nuclear não ilumine o futuro, pode estar a ser iluminada por ele, ou seja, pelo modelo de jogo que se deseja, fazendo evoluir o saber fazer e o saber sobre esse

saber fazer, o mesmo é dizer, a consciência nuclear e a consciência alargada específicas desse «jogar».

Damásio (2000) defende que a capacidade de acção requer um corpo que actua no tempo e no espaço e não faz sentido sem ele. Para Amieiro et al (2006), esta necessidade torna-se visível quando um jogador toma contacto teórico com as ideias do treinador. Neste caso, a consciência que cria relativamente a essa forma de jogar e às suas funções na equipa fica muito aquém da consciência específica necessária, a qual apenas emerge com o seu corpo a actuar no tempo e no espaço específicos.

2.5.1.5. A fractalidade do processo

No jogo, a ocorrência das situações não apresenta uma lógica sequencial, elas inventam-se e reinventam-se a cada instante e, consequentemente, são extremamente sensíveis às condições iniciais, significando isto que, nos sistemas complexos de causalidade não linear, qualquer acontecimento que ocorra durante o processo tem implicações nos acontecimentos que se seguem e pode modificar e alterar completamente a sequência, a lógica e o resultado do processo (Amieiro et al, 2006). Contudo, como defendem os autores, falamos em sistemas caóticos deterministas, isto é, que apresentam padrões de acção que se repetem no tempo, denominados invariantes ou regularidades. Estes padrões escondidos revelam uma ordem organizante no sistema, ou seja, a aleatoriedade e a variabilidade destes sistemas apresentam um modelo de acção consistente – uma dimensão fractal constante.

O jogo de futebol pode ser entendido como um sistema caótico com organização fractal. No meio do caos aparente é possível sustentar regularidades organizacionais, isto é, modelar e padronizar uma dada forma de jogar (Amieiro et al, 2006). Para os autores, podemos entender um fractal como uma parte regular de um sistema caótico que, pela sua estrutura e funcionalidade, consegue representar o todo, independentemente da escala

considerada. Se estilhaçarmos um sistema caótico em sub-sistemas, podemos neles encontrar, qualquer que seja a escala, uma auto-semelhança com o todo. Desta forma, os autores defendem ser possível emprestar uma organização fractal a todo o processo de treino, para obter uma auto-semelhança, tanto ao nível dos padrões de comportamento como da produção do processo, nas suas diferentes escalas de manifestação.

É possível contemplar os exercícios de treino como objectos fractais já que, independentemente da maior ou menor complexidade dos mesmos, cada um deles como parte pode conter em si o todo (Amieiro et al, 2006).

Para que os exercícios sejam objectos fractais, independentemente da complexidade que possam assumir, devem ser representativos da especificidade do jogo da equipa. Segundo Amieiro et al (2006), a fractalidade do processo de treino não está dependente da quantidade de jogadores, do espaço de jogo ou da complexidade da situação mas sim da intencionalidade da situação e da representatividade que esta possa ter relativamente ao «jogar» que se pretende.

Como tal, parece-nos fundamental que o treinador crie exercícios que, na sua forma mais reduzida representem a especificidade do «jogar» que se pretende. Nos exercícios de treino dos momentos de transição, qualquer que seja a escala, devem estar sempre presentes os comportamentos que permitam aos jogadores e à equipa responder adequadamente aos momentos de perda e recuperação da posse de bola.

2.5.1.6. Criar mecanismos

Tome-se agora atenção, ao conceito de mecanismo à luz da cibernética, a ciência do controlo humano.

Um mecanismo tem de ter uma matriz, uma organização. Pode ser um mecanismo mecânico, fechado em si próprio, respondendo sempre da mesma maneira, ou um mecanismo não-mecânico, organizado, dinâmico, aberto a uma

relação com o envolvimento que lhe permita reajustes e adaptabilidade e capacidade de auto-organização.

Para Laborit (s/d, cit. por Amieiro et al, 2006) existem os mecanismos regulados em constância e os mecanismos regulados em tendência. Os primeiros são aqueles que apresentam uma regulação fechada ao exterior, isto é, não existe interação com o envolvimento, não capta feedbacks. Os segundos são aqueles que possibilitam uma abertura ao envolvimento reincorporando o efeito, ou seja, que capta e reage de forma adaptativa aos feedbacks, incorpora a retroacção e avalia a sua utilidade.

A regulação em tendência é aquilo que deve sempre acontecer em treino. Do mesmo modo que a organização do jogo deve estar aberta ao envolvimento, também todos os exercícios devem estar abertos ao mesmo, que, no que se refere à natureza do jogo, implica sempre mais ou menos confrontação com o inesperado (Amieiro et al, 2006).

Parece-nos evidente a relevância assumida pelos momentos de transição enquanto mecanismos regulados em tendência. Se nunca sabemos exactamente onde vamos perder ou recuperar a posse de bola (apesar de os podermos prever), devemos preparar a equipa para responder adequadamente aos momentos de transição, qualquer que seja a configuração do envolvimento, dotando-a de capacidade de auto-regeneração, assente numa auto-avaliação, como resposta às diferentes contingências apresentadas.

Perante o exposto neste capítulo, acreditamos que o realizar das transições ataque-defesa e defesa-ataque está dependente da forma como o treinador concebe os princípios caracterizadores do «jogar» da sua equipa, do modelo de treino preconizado, dos mecanismos, dos hábitos e da consciência que o jogador e a equipa adquirem que, em conjunto com a marcação de experiências anteriores como positivas ou negativas, lhes permitem antecipar os acontecimentos e responder mais adequadamente à imprevisibilidade do jogo, baseados num conhecimento superior ao simples cumprimento das acções preconizadas pelo modelo de jogo, um conhecimento maior, um saber sobre o saber fazer.

3. Objectivos

Importa agora conhecer uma realidade tida como exemplar para todos no que se refere à correcta e eficaz realização das transições: a equipa do Futebol Clube do Porto, treinada por Jesualdo Ferreira.

Com a realização deste trabalho pretendemos atingir determinado entendimento sobre o jogo, que nos permita um conhecimento mais evoluído e sistematizado de forma a contribuir para um melhor Futebol, baseados no «jogar» de uma equipa e de um treinador que exprimem um futebol equilibrado nos quatro momentos, com especial eficácia nos momentos de transição.

Estudando o caso da equipa sénior do Futebol Clube do Porto, pretendemos:

- Evidenciar que os momentos de transição não passam de pequenos instantes e que os mecanismos que levam a equipa a ir do «ter a bola» ao «não ter a bola», ou vice-versa, ocorrem na mente antes de se revelarem pelo corpo.
- Caracterizar as formas de organização ofensiva e defensiva que melhor se adequam à realização segura e eficaz das transições, permitindo uma maior fluidez entre os momentos de jogo.
- Identificar indicadores do jogo que definam quando se dá a mudança de atitude após a perda/recuperação da posse de bola.
- Evidenciar a capacidade de antecipação da acção como a grande responsável pelo realizar bem as transições, suportada por uma metodologia de treino que permita a potenciação dos momentos de transição suportados num «saber sobre o saber fazer».

4. Metodologia

4.1. Caracterização da amostra

Na tentativa de perseguirmos os objectivos propostos, a nossa amostra foi constituída por 2 elementos do plantel e 1 elemento da equipa técnica do Futebol Clube do Porto: Pedro Emanuel, Nuno Espírito Santo e o treinador-adjunto Professor José Gomes.

4.2. Metodologia de investigação

A parte teórica deste trabalho sustentou-se numa pesquisa bibliográfica e documental, de forma a seleccionar a informação pertinente para o estudo da problemática em questão.

A nível prático, a metodologia de recolha de dados consistiu na realização de um questionário de resposta aberta ao treinador-adjunto do FCP e a 2 jogadores de posições sectoriais diversas, através da utilização de um gravador digital e da sua posterior transcrição (Microsoft Word do Microsoft Office 2007) com a devida autorização dos mesmos.

4.3. Recolha de dados

A recolha de dados ocorreu no dia 20 de Maio de 2009 no Centro de Treinos e Formação Desportiva Porto-Gaia, pelas 12h30m.

5. Um entendimento de jogo emergente...a “ponte” entre o “ter a bola” e o “não ter a bola”... as Transições... um caminho bidireccional

Tal como foi evidenciado no ponto 2, o conceito de transição é altamente abrangente e carece de especificações. Se por um lado, tal como defende Guilherme Oliveira, é um momento de jogo, por outro lado, as referências a este conceito fazem com que se confunda com algo mais que um simples momento.

5.1. Transições...momentos...instantes

Como iremos demonstrar neste capítulo, no «jogar» do FC Porto, as transições assumem papel preponderante. No entanto, o entendimento dessa relevância não é concordante com aquele demonstrado no ponto 2, onde parece que o momento de transição do FC Porto se confunde com uma fase de transição, algo que pode terminar em golo, um processo que leva a equipa de uma zona defensiva até uma zona ofensiva criando oportunidades de finalização.

Pedro Emanuel discorda desse conceito de transição, referindo que “o conceito de transição é bastante abrangente” sendo a sua definição de transição “bastante específica”, e defende que “a transição é a mudança de atitude quando se recupera ou se perde a bola”, acrescentando que estes momentos “são momentos curtos.” Nuno Espírito Santo concorda com o colega.

Face às “colagens” do termo transição à forma de jogar do FC Porto, José Gomes é peremptório: “quando se fala nisso, estamos a direccionar para aquela equipa que tem as linhas muito juntas, que defende muito próximo da sua área e que, quando recupera a bola consegue, por estar posicionada dessa forma, ter espaço entre a última linha do adversário e o GR e portanto aproveitar esse espaço na «transição», realçando que essa “é uma «transição»

[ofensiva] que se leva sempre para ataque rápido ou contra-ataque”. O nosso entrevistado rebate totalmente essa imagem da equipa do FC Porto: “Contra o FC Porto, a maior parte dos adversários joga dentro da área, portanto não há esse espaço.”

Segundo as palavras de José Gomes, percebemos que as transições estão presentes no jogo do FC Porto mas não segundo o mesmo entendimento referido no ponto 2. E se, como referem os nossos entrevistados, as transições são momentos curtos de tempo, consideramos pertinente analisar de que forma esta instantaneidade se reflecte no jogo.

Para Carvalho (2006) a transição defesa-ataque depende do local onde se recupera a posse de bola. Quando a bola era recuperada no meio campo ofensivo “o primeiro momento, seria sempre um momento, e já que estávamos muito perto da baliza, de visualização se havia possibilidade de caminhar para a baliza através de condução, drible, remate, ou a possibilidade de abrir uma linha de passe em profundidade para isolar um jogador. Se esses momentos não fossem conseguidos, o terceiro momento, seria sempre tirar a bola da zona de pressão, onde existia um maior fluxo de jogadores e fazê-la rodar para o corredor contrário, não no sentido de aproveitar a velocidade, porque estamos a falar do último terço e isso seria complicado, mas sim de ficar com o jogo, para passar a ataque organizado.” No caso de recuperar a bola no sector intermédio, “tentar utilizar um passe em profundidade, e num segundo momento, rodar a bola para o lado contrário e tentar, aí sim, através de uma transição ofensiva intensa e vertical, ou seja, num primeiro momento horizontal para rodar para o lado contrário e depois vertical para tentar chegar à baliza.”

Vejamos como Guilherme Oliveira (2006) idealiza o momento de transição defesa-ataque das suas equipas: “Quando a equipa ganha a posse de bola a primeira opção é tirar a bola da zona de pressão, sempre em segurança. A partir desse momento, se for possível, dá-se profundidade, se não, quero que a equipa jogue em segurança e que entretanto abra a equipa e comecem em organização ofensiva.”

Carvalho (2006) deixa escapar um entendimento prático da transição defesa-ataque que reflecte o senso comum acerca deste conceito. Para o autor

há a possibilidade de a transição defesa-ataque incluir situações de finalização. Tal como referem Pedro Emanuel e Nuno Espírito Santo, se este é um momento curto, caracterizado por uma mudança de atitude, parece-nos que não faz sentido equacionar a transição como sendo um momento em que há a recuperação, de seguida a tentativa de dar profundidade ou então jogar em segurança e tentar levar a bola para o lado contrário, e aí procurar dar novamente profundidade, pois estes não são mais do que princípios da organização ofensiva, tal como evidenciam Garganta & Pinto (1998). Além disso, esse entendimento de continuidade do momento de transição até à possível finalização vai contra o conceito de momento, o instante.

As palavras de Guilherme Oliveira vão ao encontro da definição dos princípios gerais do Futebol de Garganta & Pinto (1998). Para estes autores, “nas zonas de disputa da bola, deve-se procurar criar situações de superioridade numérica, evitar situações de igualdade numérica e rejeitar as de inferioridade numérica”. Podemos verificar que o princípio de tirar a bola da zona de pressão presente na transição idealizada por Guilherme Oliveira será o mesmo que uma resposta da organização ofensiva da equipa a um momento de pressão (de inferioridade numérica na zona de disputa de bola), ou seja, quando estamos a ser pressionados, queremos manter uma posse de bola segura e com menores constrangimentos espaço-temporais, e para isso devemos levar a bola para zonas em que tenhamos menor interferência dos jogadores adversários. Acreditamos, então, que os princípios definidos por Guilherme Oliveira para a transição defesa-ataque são legítimos, mas parecem confundir-se com os princípios gerais e específicos dos momentos em que a equipa tem a posse de bola.

Segundo as palavras de Carvalhal, os seus jogadores, quando recuperam a bola perto da baliza adversária, devem, num primeiro momento, procurar chegar à baliza, seja em progressão em drible e condução ou em remate, havendo também a possibilidade de passar a um colega que esteja mais próximo da baliza. Contudo, acreditamos que estes princípios se confundem com os princípios básicos de qualquer jogo desportivo colectivo tal como Garganta & Pinto (1998) os enunciam, e questionamos se não serão

estes os mesmos comportamentos que o treinador pretende numa situação de organização ofensiva em que um jogador recebe um passe perto da baliza adversária. Quando fala do seu terceiro momento de transição defesa-ataque a partir do terço mais ofensivo, referindo que a bola deve sair da zona de pressão, Carvalhal evidencia uma preocupação fundamental para quem quer manter a posse de bola que se prende com jogá-la para zonas em que o ataque esteja em superioridade numérica e espaço-temporal, isto é, zonas do campo em que haja mais espaço e tempo para jogar. Também em relação à transição ofensiva a partir do sector intermédio, os princípios pretendidos por este treinador são muito próximos do que se pretende, e se observa, em várias equipas no momento de organização ofensiva, isto é, qualquer equipa que promova a posse e circulação de bola, pretende jogá-la para zonas em que seja possível aplicar o princípio mais básico dos jogos colectivos de invasão: a penetração.

Os nossos entrevistados revelam um entendimento concordante com a nossa análise. Para Nuno Espírito Santo, a “transição é o momento em que se passa do processo defensivo para o processo ofensivo [transição ofensiva]”. E afirma ainda que “o que as pessoas não entendem é que determinam a transição como contra-ataque e a transição não é isso, transição é passar do processo defensivo ao processo ofensivo”.

José Gomes parece pensar da mesma forma afirmando que “a transição é o momento em que estamos a defender ou a atacar e passamos para outro momento, passamos a atacar ou defender.” E acrescenta que o modo “como o fazemos já vai entrar no método de organização ofensiva ou defensiva, e que já é outra questão, já tem outros princípios e outros sub-princípios.”

Para Pedro Emanuel “a transição [ofensiva] é a mudança de atitude no momento em que se recupera a bola”. Na sua perspectiva “é o primeiro passe que entra e que transforma uma situação defensiva numa possibilidade de ataque rápido” sendo que este “não será mais que uma continuidade do momento de transição.”

Tal como referiu José Gomes, a transição é o momento em que se recupera a bola e depois começa o “método de jogo” ofensivo ou defensivo.

Pedro Emanuel parece concordar: “nós muitas das vezes aproveitamos os momentos de transição e passamos aos passos seguintes, planificamos um ataque rápido ou uma mudança de atitude defensiva que nos permite estruturar ou reorganizar em determinado momento.” Também Nuno Espírito Santo vai ao encontro deste conceito de jogo: “A transição (ofensiva) é este momento em que se passa do processo defensivo ao processo ofensivo o que não quer dizer que haja contra-ataque, pode ser posse de bola.” E acrescenta que “a transição (ofensiva) é o momento que dita se temos que optar por um ataque rápido ou pela posse de bola”. José Gomes, complementa referindo que “o método ofensivo não é propriamente a transição; a transição continua a ser bem feita, não havia era espaço suficiente para utilizar esse método de organização ofensiva [ataque rápido]” E acrescenta que “às vezes dá para fazer o «método ofensivo» em progressão, e neste momento temos jogadores em que esse método assenta muito bem, porque são jogadores muito rápidos, portanto esses jogadores têm um enquadramento muito bom com esse método, mas às vezes não é possível, e então o método tem que ser outro, tem que haver mais paciência, mais circulação, uma progressão diferente, mais em posse”. Das palavras dos nossos entrevistados, percebemos que no «jogar» do FC Porto, o momento de transição ofensiva é precedido pelo método de jogo ofensivo, isto é, logo após a transição ofensiva, a equipa opta por contra-ataque, ataque rápido ou posse de bola, e a transição defensiva é precedida por uma reorganização defensiva. Parece-nos portanto evidente que a transição não é mais que uma mudança de atitude e que os comportamentos da equipa após perda ou recuperação da bola, já são parte integrante dos momentos de organização defensiva ou ofensiva. E se é uma mudança de atitude, parece-nos ser algo que ocorre na mente, antes de se expressar de forma visível, é algo que leva os jogadores a tomarem consciência que passaram de um momento para o outro.

José Gomes elucida-nos sobre a especificidade e a instantaneidade das transições, suportando a ideia de que a transição não é mais que uma mudança de atitude ocorrida na mente. O nosso entrevistado concorda que os princípios normalmente definidos como princípios da transição não são mais do

que os mesmos princípios que norteiam os momentos ofensivos e defensivos, isto é, “sendo a transição entendida como uma mudança de atitude, depois de recuperarmos a bola, já não tem mais a ver com a transição em si, tem a ver com o método ofensivo a utilizar.” Acreditamos que o inverso também é verdadeiro, isto é, depois de se perder a bola, muda-se para uma atitude defensiva com os comportamentos da organização defensiva.

Concordamos, portanto, com José Gomes e atrevemo-nos a referir que os princípios definidos como princípios de transição ofensiva se confundem com alguns princípios tidos como sendo da organização ofensiva.

Não podemos deixar de sentir alguma curiosidade perante as perspectivas de Carvalho e Guilherme Oliveira em relação ao momento de transição ataque-defesa. Carvalho (2006) considera que, “no momento da perda da posse de bola tem que haver uma identificação do momento, se há condições com relativa possibilidade de eficácia, para que se possa recuperar a bola, uma vez que não adianta só dizermos que vamos fazer pressão alta, ou vamos recuperar a bola rapidamente após a perda, tem que haver identificação.”

Quando a equipa perde a bola, Guilherme Oliveira (2006) pretende que haja uma “mudança rápida de atitude, fecho de linhas tanto em termos de largura como profundidade, pressão imediata ao portador da bola, o fecho dos espaços nessa zona, para que haja sempre coberturas e o adversário não consiga tirar a bola da zona de pressão.” No caso de não haver jogadores próximos da zona de perda e a pressão não for a solução mais eficaz, “a equipa recolhe, fecha os espaços – entra em organização defensiva”.

Curiosamente, neste momento do jogo, ambos os treinadores fazem referência a um comportamento mental que caracteriza a transição ataque-defesa: a identificação do momento e a mudança de atitude. Contudo, Guilherme Oliveira fala igualmente de pressão e redução de espaços não deixando o adversário tirar a bola da zona de pressão. Ao acrescentar que a equipa apenas entra em organização defensiva se não houver possibilidade de pressão imediata, o autor evidencia um pequeno paradoxo, levando-nos a questionar se estes princípios da transição defensiva não serão mais do que os

princípios que caracterizam uma situação de pressão alta zonal num momento de organização defensiva, tal como Amieiro (2004) a caracteriza.

Queremos com isto demonstrar que nos parece cada vez mais evidente a necessidade de equacionar os momentos de transição como construções mentais nos jogadores, algo que os leva a decidir, numa pequena fracção de segundo, que comportamentos da organização ofensiva ou defensiva devem adoptar consoante recuperam ou perdem a posse de bola. Para que tal seja concebível, parece-nos fundamental equacionar os momentos de organização ofensiva e defensiva segundo um contínuum suportado por um dos princípios fundamentais da inteireza inquebrantável do jogo: o equilíbrio.

5.2. O equilíbrio...

Como foi desvendado no ponto 2.3, o momento ofensivo começa antes de se ter a bola – com o garante de um equilíbrio ofensivo na defesa – e o momento defensivo começa antes de a ter perdido – com o garante de um equilíbrio defensivo no ataque.

Pedro Emanuel defende que “quando a equipa está a fazer um ataque rápido, está a posicionar-se também para uma transição defensiva que poderá acontecer” e acrescenta que “quando do ataque rápido surge uma perda de bola, os 3 ou 4 jogadores que estão mais perto da bola, vão ser identificados como quem vai trabalhar mais na transição defensiva efectiva naquele momento, actuando na zona da bola, enquanto os restantes sabem os seus posicionamentos em função da reacção dos colegas que vão trabalhar na zona da bola, mas também temos outros que nesse momento já estão a pensar no que fazer se entretanto recuperarmos a bola, qual a primeira acção”, ou seja “eles estarão posicionados para concretizarem uma nova transição.” O nosso entrevistado conclui, então, que “quando temos a bola não podemos descurar o aspecto defensivo da mesma forma que quando estamos a defender não podemos descurar o aspecto ofensivo. E isso é o fundamental para o aproveitamento das transições.”

Estas ideias vão de encontro ao pensamento de Jesualdo Ferreira (2004) ao defender que “se a equipa estiver bem posicionada no momento em que tem a posse de bola, estará em boas condições de a poder recuperar rapidamente, para poder de novo atacar”, e acrescenta que “as equipas que defendem melhor numa perspectiva ofensiva, têm mais condições para atacar mais vezes.”

5.2.1. ...uma catapulta das transições ofensivas...o equilíbrio ofensivo no momento defensivo

Para Nuno Espírito Santo, “quando se consegue defender bem consegue-se ter uma boa transição ofensiva.” O nosso entrevistado vai mais longe e defende que “o que determina o êxito da transição ofensiva é o processo defensivo e não o processo ofensivo; é a base da equipa, as posições, para depois preparar o processo ofensivo”. Sobre as vantagens que o FC Porto retira deste momento, José Gomes refere que “após a recuperação de bola, somos fortes na forma como a aproveitamos, porque treinamos assim e porque no momento em que estamos a defender, estamos posicionados e preparados para, quando a ganharmos, a podermos receber.”

Pedro Emanuel afirma que “o objectivo principal é haver uma identidade muito grande entre todos os sectores da equipa e os jogadores envolvidos nesses sectores.” A fluidez deste momento de jogo e a facilidade com que uns o aproveitam mais do que outros é explicada pelo nosso entrevistado: “quando ganhamos a bola na defesa, nós já sabemos que o meio campo vai ter um determinado comportamento e o ataque outro, se ganhamos no meio campo, nós estamos posicionados de uma determinada maneira mas os avançados já se vão dispor de outra maneira e se calhar vão ter outro tipo de comportamentos, ou seja, tem a ver um pouco com a forma de nos dispormos.”

Os pontos de vista dos nossos entrevistados vão de encontro às ideias defendidas por alguns autores (Amieiro, 2004; Camacho, 2004; Garganta, 2004; Guilherme Oliveira, 2004; Jesualdo Ferreira, 2004; Mourinho, 2004;

Valdano, 2002, cit. por Amieiro, 2004) ao longo da revisão da literatura. Para estes autores, um dos requisitos fundamentais para uma boa transição defesa-ataque é a capacidade defensiva da equipa, nomeadamente, defender à zona. Os nossos entrevistados parecem concordar. Para Nuno Espírito Santo, “as equipas que defendem os espaços, com a colocação dos seus jogadores, vão permitir que, quando recuperarem a bola, tenham os jogadores colocados nos sítios certos.” José Gomes concorda com esta ideia ao afirmar que “como defendemos à zona, é-nos mais fácil, depois de recuperarmos a bola, saber o que fazer com ela”.

A ideia de Pedro Emanuel é concordante com os restantes entrevistados: “quem vê sabe que nós defendemos à zona”, e explica que “o nosso posicionamento defensivo é global porque temos uma estrutura que funciona em bloco, nós funcionamos muito em função daquilo que os nossos avançados fazem e mediante o comportamento deles nós vamos ajustando, se os nossos avançados estão a fazer uma pressão alta nós acompanhamos, agora se estão numa situação de espera nós vamo-nos posicionando. Portanto nós vamos adaptando o nosso posicionamento ao momento do jogo e à situação que a equipa nos disponibiliza.”

Parece-nos evidente que uma concepção zonal do momento de organização defensiva, perspectivada ofensivamente pelo posicionamento de alguns jogadores, é a mais adequada para se potenciar os momentos de transição ofensiva. Tal como refere Jesualdo Ferreira (2004), “uma das grandes vantagens da defesa à zona, é o facto de permitir um posicionamento mais harmonioso e equilibrado na saída para o ataque.”

5.2.2. ...uma garantia defensiva...o equilíbrio defensivo no momento ofensivo

Nuno Espírito Santo afirma que “assim como a transição ofensiva é baseada no processo defensivo, a transição defensiva é baseada no processo

ofensivo” e defende que, quando está num momento ofensivo, é fundamental a equipa “não perder a colocação dos jogadores”.

Para Pedro Emanuel, “quando fazemos um ataque e estamos posicionados defensivamente, um dos objectivos é permitir que, quando perdermos a bola, possamos criar uma transição defensiva eficaz para a recuperação da bola o mais rápido possível. Por isso é que o posicionamento, quando estamos a fazer um ataque, muitas vezes é um posicionamento de circulação de bola, mas quem não está envolvido nesse processo, naturalmente estará num posicionamento defensivo, para a eventualidade de perda de bola.”

De forma concordante com os jogadores estão as palavras dos seus treinadores. José Gomes (2004) defende que quando estamos a atacar, já devemos estar preocupados em como é que vamos defender caso percamos a bola. Por seu lado, Jesualdo Ferreira (2004) afirma que defender bem é, em primeiro lugar, a equipa estar bem posicionada no momento em que tem a posse de bola, porque ao perdê-la, estará em boas condições de a poder recuperar rapidamente. Para o autor existem uma série de mecanismos defensivos que se devem começar a articular no momento em que a equipa ganha a posse de bola e entra no processo ofensivo. Do nosso ponto de vista, as palavras de Pedro Emanuel revelam o funcionamento desses mesmos mecanismos que se afiguram fundamentais para o equilíbrio.

Atrevemo-nos, então, a salientar que, quando em posse de bola, a equipa deve estar dotada de determinados comportamentos, que permitam atacar mas ao mesmo tempo estar posicionada para responder convenientemente a uma situação de perda da posse de bola. Acreditamos que estes comportamentos de equipa devem ser assegurados pelos jogadores sem bola, adoptando um posicionamento que lhes permita participar no momento ofensivo mas, ao mesmo tempo, garantir segurança defensiva perante uma possível perda da posse de bola.

5.3. Na transição...a mente actua antes do corpo...

No ponto 2, Cruyff referia-se à capacidade de antecipação da acção de que Deco dispõe, como sendo característica fundamental da sua capacidade de recuperação de bolas. Para Cruyff, “Deco tem tanta visão que já sabe se chega antes ou não. E quando não chega, já está a exercer outras funções.” Segundo estas palavras, podemos inferir que a mudança de atitude que ocorre entre o momento em que a equipa tem a bola e o momento em que a perde, antes de ser evidenciada através do corpo, ocorre na mente, isto é, se a equipa de Deco tem a bola e lhe fazem um passe que entretanto se percebeu que provavelmente será interceptado por um adversário, tal como Cruyff sugere, “quando não chega, [Deco] já está a exercer outras funções”.

Quando questionados sobre este processo que ocorre na mente, e que leva os jogadores a adoptar uma atitude ofensiva ao perceberem que a equipa vai recuperar a bola, ou uma atitude defensiva ao perceberem que a equipa vai perder a bola, os nossos entrevistados têm opiniões concordantes.

No que se refere ao momento de transição defensiva, e quando convidados a comentar as palavras de Cruyff, Nuno Espírito Santo e Pedro Emanuel parecem concordar um com o outro.

Nuno Espírito Santo afirma que “ele [Deco] começa a ocupar os espaços onde sabe que a bola vai entrar e isso é que determina [...] uma boa recuperação de bola.”

Para Pedro Emanuel, “o Deco é muito importante na primeira fase de transição defensiva porque ele é muitas vezes o primeiro jogador a actuar na zona de pressão. Pode fazer um passe errado, perde a bola, mas a seguir ele é o primeiro a estar na zona fulcral de discussão de posse de bola, onde o primeiro passe vai entrar e onde a primeira pressão na transição defensiva vai actuar.”

Para os nossos entrevistados a capacidade de antecipação das acções dos adversários é fundamental para se conseguir boas transições defensivas. Extrapolando o exemplo dado para situações genéricas, podemos concluir que, quando a equipa tem a posse de bola e a perde, é a capacidade de análise de

cada jogador que vai permitir que mais rapidamente se volte a recuperar a bola. Acreditamos que ocorre um processo na mente dos jogadores que, tendo por base as experiencias anteriores, os leva a visionar o futuro antes de este ter ocorrido, ou seja, perante as condições apresentadas pelo jogo num determinado momento de provável perda da posse de bola, os jogadores analisam os indicadores apresentados e decidem, com base em experiências anteriores proporcionadas pelo jogo ou pelo treino, sobre as acções a realizar de seguida, isto é, se intervêm sobre a bola ou se, não sendo possível essa intervenção, adoptam um posicionamento diferente preparando já a acção seguinte. Acreditamos também que o mesmo processo ocorre numa situação de transição ofensiva.

Nuno Espírito Santo analisa o momento inverso de transição, o momento de transição ofensiva, referindo que, o importante “é a capacidade de análise de cada um, é saber quando se pode ganhar e quando não se pode ganhar a bola, e isso são fracções de segundos.” A opinião de Nuno Espírito Santo vai de encontro às nossas crenças relativamente à importância da capacidade de antecipação da acção aos momentos de transição, não só no momento de recuperação da bola mas também no momento da sua perda.

Sobre a resposta colectiva aos momentos de recuperação de bola, Nuno Espírito Santo defende que “[os jogadores] poderão antecipar a ocupação dos espaços para passar para o processo ofensivo, mas o que determina é a posse de bola ou não, porque não há garantia absoluta que a bola chegue lá.” Das palavras de Nuno Espírito Santo, podemos inferir que os jogadores podem adoptar uma atitude e um posicionamento direccionado para o processo ofensivo, assim que percebam que, garantidamente, a equipa irá recuperar a posse de bola. No entanto, os jogadores que têm possibilidade de receber o primeiro passe após recuperação da posse de bola, devem “antecipar a acção do colega criando uma linha de passe ou ocupando um espaço que possa permitir o processo ofensivo.”

Pedro Emanuel refere que “quando se ganha uma bola disputada, o objectivo é fazermos um passe que permita ao colega, ao primeiro toque, ficar com o campo e o raio de visão bastante alargado, e com a possibilidade de

antes de ela chegar [...] poder já pensar no que vai fazer a seguir.” Parece-nos evidente que o jogador só consegue fazer um passe com qualidade direccionado para o colega se, na sua mente, tiver adoptado uma atitude ofensiva. cremos que, quando um jogador está a pensar apenas em defender, não conseguirá passar a bola para um colega no momento de disputa de bola; o normal será “cortar” a bola sem intenção de a colocar jogável no colega, apenas impedir a acção ofensiva adversária. O nosso entrevistado corrobora a nossa ideia e acredita que, de facto, a transição pode ocorrer inicialmente na mente dos jogadores.

Perante um exemplo de recuperação de bola em que um jogador, no mesmo toque para a recuperar, realiza um passe para um colega, Pedro Emanuel refere que “quando parte para a bola e vai ver que a vai ganhar, de certeza absoluta que ele não faz esse passe ao acaso; ele já está com essa ideia no pensamento, porque antecipou aquilo que poderia vir a acontecer. Recuperou mas ao mesmo tempo já estava a pensar naquilo que poderia fazer em termos ofensivos.”

José Gomes considera possível que o momento da transição [ofensiva] possa ocorrer quando a bola ainda não chegou ao jogador defensor, mas este está certo que a recuperará. “Essa questão quase vai esbarrar na velocidade de processamento do cérebro, da leitura que foi feita. É um estado de consciência daquilo que nos está a acontecer, é uma consciência da acção, e a percepção que os jogadores têm dessa consciência da acção, por vezes, é mais rápida que o acontecimento da jogada em si. Durante o jogo, e muitas vezes, isso acontece, antes de a acção ter ocorrido, os jogadores modificam comportamentos.” Contudo, o nosso entrevistado considera que essa transição “mental” apenas é efectuada quando a equipa recupera ou perde a bola. “Dizer qual é exactamente o momento é difícil. É quando não tem a bola e passa a ter a bola e quando a tem e deixa de ter.” No entanto, José Gomes considera que “o que se verifica à volta desta passagem dos momentos é mais rápido do que isso [recuperar ou perder a bola] e é uma questão de nós observarmos as imagens e focarmos a nossa atenção não na bola mas no que está a acontecer à volta da bola e conseguimos identificar isso. Há jogadores que a bola ainda

não está em nosso poder e já estão a fazer um movimento para pedir a bola, porque estão a adivinhar que vamos ficar com ela, já estão a criar espaços e de alguma forma já se estão a antecipar à organização defensiva adversária, e isso acontece permanentemente em todos os jogos.” Para José Gomes, são também visíveis situações de “bola dividida” em que o jogador que chega primeiro não tenta ficar com ela em seu poder, mas sim passá-la imediatamente a um colega.

Perante tal realidade complexa, consideramos pertinente explorar o modo como os momentos de transição podem ser potenciadas através do treino, tomando como exemplo a realidade do FC Porto. E sendo esses momentos eminentemente mentais, será relevante conhecer os processos mentais que suportam a consciencialização, a tomada de decisão e a acção nos momentos de transição.

5.4. Treinar as transições...habituar a mente a jogar em transição

É ao nível do treino que os jogadores se apropriam das ideias que o treinador pretende implementar no «jogar» da equipa, nomeadamente em relação aos momentos de transição.

Sendo o FC Porto um exemplo a nível do aproveitamento desses momentos durante o jogo, tomemos atenção às palavras dos nossos entrevistados sobre o processo de treino dos momentos de transição.

Nuno Espírito Santo afirma que, no FC Porto, “o treino é sempre focalizado nesses aspectos [transições]” sendo essa “a base do nosso processo, a ocupação dos espaços, a recuperação da bola, e permitir transições rápidas, controlo, posse ou ataque rápido.”

5.4.1. A intervenção do treinador

No processo de treino, o treinador assume um papel fundamental, sendo responsável pela idealização do modelo de jogo da equipa. Tal requisito é suportado por Pedro Emanuel ao referir que “o treinador [...] vai ter que criar os exercícios para que origine essas situações de transição”.

Segundo Nuno Espírito Santo, “a presença do treinador, e o corrigir é fundamental.” Pedro Emanuel concorda, referindo que “muitas das vezes as coisas podem não estar a sair conforme o treinador pretende e naturalmente a sua forma de intervenção é fundamental para que o objectivo do treino seja concretizado e o atleta compreenda qual é o objectivo do treino porque muitas das vezes os exercícios com o desenrolar do treino começam a sair desvirtuados em relação ao que é o objectivo do treino.” Pedro Emanuel vai mais longe e considera “que o fundamental nessa mediação, nessa intervenção por parte do treinador é que de facto defina para os atletas qual é o objectivo dentro do treino, qual é o objectivo daquele exercício e, a meio do treino ou no final, analisar se, efectivamente, aconteceu ou não aconteceu como pretendido e intervir nesse sentido.” Esta ideia é remete-nos para Amieiro et al (2006) que referem que não são só os feedbacks positivos ou negativos a marcar as experiencias do corpo. Concomitantemente importante é os jogadores sentirem, no calor da acção, de forma consciente ou não consciente, que as coisas funcionam, que os princípios de jogo que se querem conseguir fazem sentido. A intervenção do treinador ao nível do aqui e agora torna-se, pois, fundamental ao longo do processo.

Pelas palavras dos nossos entrevistados, acreditamos que a intervenção do treinador tem sempre um carácter pedagógico com o objectivo de modificar comportamentos, estabilizá-los e torná-los regularidades. Tal processo remete-nos para a importância da consciência relativa a uma dada forma de jogar. Tal como referem Amieiro et al (2006), esta só vai emergindo ao longo da vivenciação hierarquizada dos princípios de jogo, pois só aí é que a verdadeira relação entre o organismo e o objecto se estabelece e só aí acontecem as modificações específicas no organismo pela sua relação com o objecto. A

simples informação não altera comportamentos, porque a verdadeira consciência não está aí, ela emerge com o corpo na acção.

Acreditamos, portanto, que o «jogar» da equipa será tanto mais qualitativo e evolutivo dentro de determinada matriz, quanto mais os jogadores tomarem consciência desse «jogar», permitindo ajustes, modificações e decisões mais evoluídas tomados no calor da acção. Ao ter consciência do «jogar» que se pretende, a equipa atingirá um patamar muito elevado de qualidade, permitindo ao treinador almejar um modelo de jogo adoptado mais evoluído.

5.4.2. Treinar as transições para jogar com as transições...uma fractalidade

José Gomes refere que “tanto mais rico é o treino quanto mais se aproximar dos momentos de decisão a que o jogador vai ser sujeito no jogo” e acrescenta que as transições “estão presentes em quase todas as unidades de treino; com regras diferentes, com espaços de jogo diferentes, com dimensões de campo diferentes, acabam por estar sempre presentes porque são os pilares onde assenta todo o processo.”

Tal entendimento permite-nos fazer uma analogia com a aplicação do conceito de fractal no treino. Para que os exercícios sejam objectos fractais, independentemente da complexidade que possam assumir, devem ser representativos da especificidade do jogo da equipa. Segundo Amieiro et al (2006), a fractalidade do processo de treino não está dependente da quantidade de jogadores, do espaço de jogo ou da complexidade da situação mas sim da intencionalidade da situação e da representatividade que esta possa ter relativamente ao «jogar» que se pretende.

Como tal, parece-nos fundamental que o treinador crie exercícios que, na sua forma mais reduzida representem a especificidade do «jogar» que se pretende. Nos exercícios de treino dos momentos de transição, qualquer que seja a escala, devem estar sempre presentes os comportamentos que

permitam aos jogadores e à equipa responder adequadamente aos momentos de perda e recuperação da posse de bola.

5.4.3. A mecânica das transições

José Gomes explica que, no treino, “são criadas situações, e que são a base do jogo e que se calhar são os exercícios mais ricos, em que o jogador é que tem que decidir em função da análise que faz daquele momento de recuperação de bola.” As palavras do entrevistado remetem-nos para o conceito de mecanismo à luz da cibernética. Tal como refere Laborit (s/d, cit. por Amieiro et al, 2006) existem os mecanismos regulados em constância e os mecanismos regulados em tendência. Os primeiros são aqueles que apresentam uma regulação fechada ao exterior, isto é, não existe interacção com o envolvimento, não capta feedbacks. Os segundos são aqueles que possibilitam uma abertura ao envolvimento reincorporando o efeito, ou seja, que capta e reage de forma adaptativa aos feedbacks, incorpora a retroacção e avalia a sua utilidade.

Segundo Amieiro et al. (2006), a regulação em tendência é aquilo que deve sempre acontecer em treino. Do mesmo modo que a organização do jogo deve estar aberta ao envolvimento, também todos os exercícios devem estar abertos ao mesmo, que, no que se refere à natureza do jogo, implica sempre mais ou menos confrontação com o inesperado.

Parece-nos evidente a relevância assumida pelos momentos de transição enquanto mecanismos regulados em tendência. Se nunca sabemos exactamente onde vamos perder ou recuperar a posse de bola (apesar de os podermos prever), devemos preparar a equipa para responder adequadamente aos momentos de transição, qualquer que seja a configuração do envolvimento, dotando-a de capacidade de auto-regeneração, assente numa auto-avaliação, como resposta às diferentes contingências apresentadas.

5.4.4. Criar hábitos...no treino e pelo treino

Para Nuno Espírito Santo, “a repetição de processos e a sistematização de hábitos entre os companheiros é que fazem com que os processos sejam implementados na equipa.” As palavras de Nuno Espírito Santo encontram suporte nas ideias defendidas por Amieiro et al. (2006), ao referirem que muitas das tomadas de decisão do jogador no calor da acção, não são premeditadas. O jogador simplesmente faz, em função de hábitos adquiridos, isto é, saberes remetidos para o não consciente. E porque o hábito é um saber fazer que se adquire na acção, treinar em especificidade e ter na repetição sistemática o suporte da viabilidade da aquisição dos seus princípios de jogo permite promover o aparecimento, no seio da equipa, de intenções em acto em conformidade com as intenções prévias.

Também José Gomes revela a importância da aquisição de hábitos pela repetição sistemática: “há uma insistência tão grande em pilares de suporte deste processo, em que os jogadores levam com exercícios em que são obrigados a fazer aquilo, e a determinada altura as coisas já saem sem pensar e o rumo deles está sempre apontado para esses momentos, para essas acções. O que acontece é que na execução disso, já não pensam, já estão em piloto automático, portanto é mais rápido, daí a força da transição.” No entanto, o nosso entrevistado faz alusão às emoções e à possibilidade de estas nos permitirem criar um sistema de navegação automática que nos ajuda nas tomadas de decisão.

Os nossos entrevistados revelam ideias que vão de encontro à ideia de Damásio (2000), em que este refere que o automatismo ou hábito, resulta de conhecimentos, isto é, imagens mentais, que foram criados através das experiências, algumas conscientes e outras não conscientes, que ficaram gravadas nas memórias, e que vão ser utilizados para se decidir e reagir rapidamente perante determinada situação.

Pedro Emanuel concorda que devem ser criados hábitos comportamentais. Para este jogador, “a qualidade dos nossos treinos permite, efectivamente, que tenhamos mais naturalidade nos jogos, portanto, temos que

estar identificados com aquilo que temos que fazer.” Além de apresentar ideias semelhantes às de Nuno Espírito Santo, o testemunho de Pedro Emanuel transporta-nos para a hipótese dos marcadores-somáticos revelada no ponto 2.6.

De facto, a “naturalidade” de que fala o nosso entrevistado só é possível quando os jogadores se sentem confortáveis com as situações que lhes aparecem. Amieiro et al. (2006) explica que as emoções e sentimentos que originam os marcadores somáticos, são associados, por via da aprendizagem, da vivenciação de experiências, aos resultados, às consequências, de determinadas acções ou situações e condicionarão as tomadas de decisão futuras em cenários semelhantes. Quando um marcador somático está associado a um aspecto negativo e se justapõe a um determinado resultado futuro, a combinação funciona como uma campainha de alarme. Pelo contrário, quando o marcador somático tem associado um resultado positivo, a combinação funciona como um incentivo. Damásio (1994) suporta a “naturalidade” do processo, afirmando que, por vezes, os marcadores somáticos funcionam sem surgirem na consciência.

Em todas as situações da vida criamos parcerias entre as escolhas e respectivas consequências, categorizando essas relações de acordo com as emoções despoletadas. Quando somos confrontados com uma situação semelhante àquelas já categorizadas, rapidamente, a maquinaria cerebral dá-nos a resposta emocional associada àquele tipo de situação.

6. Conclusões

Parece ser unanimemente aceite que as transições são os momentos mais importantes do Futebol moderno. No entanto, enquanto para uns esses momentos são estanques e determinados por uma sequencialidade de acontecimentos padrão, que decorrem desde o momento em que a equipa recupera ou perde a posse de bola até chegar ao seu meio campo ofensivo ou defensivo, respectivamente, para outros esses momentos ocorrem desde a perda ou recuperação da posse de bola até a equipa estar devidamente organizada para recuperar a bola ou para a fazer circular. Contudo, perante a realidade estudada, e atendendo às qualidades da equipa em estudo, ficou evidente que nenhum destes conceitos é verdadeiramente específico e caracterizador dos momentos de transição.

Assim, acreditamos estar em condições de poder afirmar:

Sobre o entendimento do conceito de transição

- A transição corresponde ao momento em que a equipa perde ou recupera a posse de bola;
- Os momentos de transição são curtos e são determinados pelo «ter» ou «não ter» a bola;
- Os comportamentos de equipa que se seguem aos momentos de mudança de atitude correspondem aos momentos de organização ofensiva ou defensiva, caracterizando-se por comportamentos individuais e colectivos assentes nos princípios gerais e nos princípios específicos do Futebol, bem como nos princípios do Modelo de Jogo Adoptado pelo treinador.
- A transição é uma mudança de atitude; de uma atitude defensiva para uma atitude ofensiva quando se recupera a posse de bola e de uma atitude ofensiva para uma atitude defensiva quando se perde a posse de bola;

Sobre a necessidade de equilíbrio colectivo

- Os momentos de transição são suportados pela efectivação dos princípios do equilíbrio defensivo no ataque e equilíbrio ofensivo na defesa.
- Quando a equipa está em organização ofensiva deve manter determinadas posições ocupadas, com jogadores em funções mistas de ataque e defesa, de modo a estar equilibrada do ponto de vista defensivo, para poder responder mais eficazmente a uma possível perda da posse de bola.
- Só uma organização defensiva perspectivada segundo referências zonais permite à equipa um correcto equilíbrio ofensivo, garantindo uma resposta rápida da equipa aos momentos de recuperação da posse de bola, pois as posições relativas dos seus elementos são conhecidas do colectivo.

Sobre a acção que ocorre nos momentos de transição

- Sendo uma mudança de atitude, a transição é iminentemente mental antes de ser expressa através do corpo;
- A capacidade de antecipação da acção assume um papel preponderante nos momentos de transição;
- Ao perceberem que irão recuperar a bola, os jogadores adoptam instantaneamente uma atitude ofensiva com intencionalidade ofensiva nas acções seguintes;
- Ao perceberem que irão perder a posse de bola, os jogadores adoptam instantaneamente uma atitude defensiva com intencionalidade defensiva nas acções seguintes.

Sobre a importância do treino no processo mental que é a transição

- Os exercícios de treinos devem obedecer a uma organização fractal, sendo tanto mais ricos quanto mais se aproximarem dos momentos de decisão a que o jogador vai ser sujeito no jogo;
- Através da vivenciação hierarquizada dos princípios de jogo, o treinador procura criar imagens mentais e associá-las a emoções e sentimentos que facilitem a tomada de decisão no jogo, nomeadamente nos momentos de transição;
- Os momentos de transição são mecanismos regulados em tendência devendo o treinador preparar a equipa para responder adequadamente a estes momentos, qualquer que seja a configuração do envolvimento, dotando-a de capacidade de auto-avaliação e correspondente auto-regeneração, como resposta às diferentes contingências apresentadas;
- A marcação dos comportamentos pretendidos levará os jogadores a realizar as transições com mais apropriação e naturalidade, diminuindo as possibilidades de erro, aumentando as possibilidades de incremento da intensidade dessas transições, permitindo explorar mais acentuadamente os desequilíbrios da equipa adversária nos momentos de perda e recuperação da posse de bola.

7. Bibliografia

Amierio, N.; Barreto, R.; Oliveira, B.; Resende, N. (2006). *Mourinho: Porquê tantas vitórias?*. Gradiva. Lisboa

Amieiro, N. (2004). *Defesa à Zona no Futebol. Um pretexto para reflectir sobre o «jogar»...bem, ganhando!*. Edição de autor. Porto.

Almeida, F. (2006). *A importância dos momentos de transição (ataque-defesa e defesa-ataque) num determinado entendimento de jogo*. Dissertação de Licenciatura. Não Publicado. FADE-UP. Porto.

Bangsbo, J; Peitersen, B. (2002). *Defensive soccer tactics*. Human Kinetics. Champaign.

Barreira, D. (2006). *Transição defesa-ataque no Futebol: análise sequencial dos padrões de jogo relativos ao Campeonato Português 2004-05*. Dissertação de Licenciatura. Não Publicado. FCDEF-UP. Porto.

Barreto, R. (2003). *O problematizar de dois princípios de jogo fundamentais no acesso ao rendimento superior do futebol: o «PRESSING» e a «POSSE DE BOLA» expressões duma «descoberta guiada» suportada numa lógica metodológica em que «o todo está na(s) parte(s) que está(ão) no todo»*. Dissertação de Licenciatura. Não Publicado. FCDEF-UP. Porto.

Camacho, J. (2004). Entrevista. In *Defesa à zona no futebol: a (des) Frankensteinização de um conceito: uma necessidade face à inteireza inquebrantável que o jogar deve manifestar*. Dissertação de Licenciatura. Não Publicado. FCDEF-UP. Porto.

Carvalho, C. (2006). Entrevista. In *A importância dos momentos de transição (ataque-defesa e defesa-ataque) num determinado entendimento de jogo*. Dissertação de Licenciatura. Não Publicado. FADE-UP. Porto.

Castelo, J. (1994). *Futebol. Modelo técnico-tático de jogo*. Edições FMH. Lisboa

Castelo, J. (1996). *Futebol. A organização do jogo*. Edição de autor. Lisboa.

Costa, P. (2006). *O Dilema da Formação Vs. Formatação no Futebol de Formação: Um “Olhar” através da “Periodização Tática”*. Dissertação de Licenciatura. Não Publicado. FADE-UP. Porto.

Couto, G. (2006). *As Transições: criatividade momentânea Vs «padronização» comportamental. Registo de uma funcionalidade termodinâmica longe do equilíbrio... A criatividade como acontecimento causal!!!!*. Dissertação de Licenciatura. Não Publicado. FADE-UP. Porto.

Damásio, A. (1994). *O Erro de Descartes*. Publicações Europa-América. Lisboa

Damásio, A. (2000). *O Sentimento de Si. O Corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Publicações Europa América. Lisboa.

Damásio, A. (2003). *Ao Encontro de Espinosa*. Publicações Europa-América. Lisboa

Frade, V. (2005). *Apontamentos da disciplina Metodologia Aplicada I – Opção de Futebol*. Não publicado. FCDEF-UP. Porto.

Garganta, J. & Pinto, J. (1994). *Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos*. A. Graça & J. Oliveira (Eds.), *O Ensino dos Jogos Desportivos*. CEJD. FCDEF-UP. Porto

Garganta, J. (1997). *Modelação tática do jogo de Futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Tese de Doutoramento. FCDEF-UP. Porto.

Garganta, J. (2000). *O treino da tática e da estratégia nos jogos desportivos*. In J. Garganta (eds), *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos*, pp 21.36. FCDEF-UP e CEJD. Porto

Garganta, J. (2004). Entrevista. In *Defesa à zona no futebol: a (des) Frankensteinização de um conceito: uma necessidade face à inteireza inquebrantável que o jogar deve manifestar*. Dissertação de Licenciatura. Não Publicado. FCDEF-UP. Porto.

Guilherme Oliveira, J. (2004). Entrevista. In *Defesa à zona no futebol: a (des) Frankensteinização de um conceito: uma necessidade face à inteireza inquebrantável que o jogar deve manifestar*. Dissertação de Licenciatura. Não Publicado. FCDEF-UP. Porto.

Guilherme Oliveira, J. (2004). *Conhecimento Específico em Futebol – Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino-aprendizagem/treino do jogo*. Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP. Porto

Guilherme Oliveira, J. (2006). Entrevista. In *O Dilema da Formação Vs. Formatação no Futebol de Formação: Um “Olhar” através da “Periodização Tática”*. Dissertação de Licenciatura. Não Publicado. FADE-UP. Porto.

Guilherme Oliveira, J. (2006). Entrevista. In *A importância dos momentos de transição (ataque-defesa e defesa-ataque) num determinado entendimento de jogo*. Dissertação de Licenciatura. Não Publicado. FADE-UP. Porto.

Jesualdo Ferreira, M. (2004). Entrevista. In *Defesa à zona no futebol: a (des) Frankensteinização de um conceito: uma necessidade face à inteireza inquebrantável que o jogar deve manifestar*. Dissertação de Licenciatura. Não Publicado. FCDEF-UP. Porto.

Leal, M. (2004). Entrevista. In *Defesa à zona no futebol: a (des) Frankensteinização de um conceito: uma necessidade face à inteireza inquebrantável que o jogar deve manifestar*. Dissertação de Licenciatura. Não Publicado. FCDEF-UP. Porto.

Lopes, M. (2005). *A construção de um futebol. Que preocupações na relação treino-hábito dentro de uma lógica de Periodização Tática/Modelização Sistémica?*. Dissertação de Licenciatura. Não Publicado. FCDEF-UP. Porto.

Mourinho, J. (1999). Entrevista *in Periodização Tática. Um imperativo conceptometodológico do rendimento superior em Futebol*. Dissertação de Licenciatura. Não Publicado. FCDEF-UP. Porto

Mourinho, J. (2002). Entrevista. In *A Bola*, 26 de Julho de 2002

Mourinho, J. (2004). Entrevista. In *Defesa à zona no futebol: a (des) Frankensteinização de um conceito: uma necessidade face à inteireza inquebrantável que o jogar deve manifestar*. Dissertação de Licenciatura. Não Publicado. FCDEF-UP. Porto.

Pontes, V. (2006). Entrevista. In *As Transições: criatividade momentânea Vs «padronização» comportamental. Registo de uma funcionalidade termodinâmica longe do equilíbrio... A criatividade como acontecimento causal!!!!*. Dissertação de Licenciatura. Não Publicado. FADE-UP. Porto.

Valdano, J. (1998). *Los cuadernos de Valdano*. Aguilar. Madrid.

ANEXOS

Entrevista a Nuno Espírito Santo

Concorda que o FC Porto é “uma equipa de transições”?

Nuno Espírito Santo (NES): Em parte sim, é uma das coisas que caracteriza o nosso processo de equipa, é a transição. Penso que, quando se tem jogadores com as nossas características, tem que se aproveitar esse factor.

O que é para si a transição?

NES: Transição (ofensiva) é o momento em que se passa do processo defensivo ao processo ofensivo, e o processo de transição, quanto mais rápido mais eficaz.

Diz-se que o FCP marca muitos golos em transição (ofensiva). No seu entender a transição pode acabar com um golo?

NES: A transição (ofensiva) é o momento que dita se temos que optar por um ataque rápido ou pela posse de bola. A transição (ofensiva) é este momento em que se passa do processo defensivo ao processo ofensivo o que não quer dizer que haja contra-ataque, pode ser posse de bola, portanto a transição é esse momento.

Considera então que a transição decorre num pequeno instante de tempo...

NES: Exactamente. Depois passamos logo para o processo ofensivo.

O que é fundamental para se fazer boas transições (ofensivas)?

NES: Essencialmente defender bem. Para mim a base é essa. Quando se consegue defender bem consegue-se ter uma boa transição (ofensiva), caso contrário a outra equipa vai acabar com perigo ou com situação perigosa para a nossa equipa. O que determina o êxito da transição (ofensiva) é o processo defensivo e não o processo ofensivo; é a base defensiva da equipa, as posições, para depois preparar o processo ofensivo

Quais são para si as referencias defensivas fundamentais de modo a potenciar as transições ofensivas?

NES: Os espaços que se ocupam. As equipas que defendem os espaços, com a colocação dos seus jogadores, vão permitir que, quando recuperarem a bola, tenham os jogadores colocados nos sítios certos.

E que cuidados deve ter a equipa quando está em posse de bola de modo a permitir mais eficácia na transição defensiva?

NES: Não perder a colocação dos jogadores. Assim como a transição ofensiva é baseada no processo defensivo, a transição defensiva é baseada no processo ofensivo. Uma equipa que, quando está em ataque organizado, envolve muita gente no ataque, normalmente perde a colocação dos seus jogadores, devido aos envolvimentos, às diagonais, provoca a perda da colocação dos seus jogadores, portanto a garantia de uma transição defensiva segura é o não envolvimento exagerado de jogadores no processo ofensivo.

Então tem que haver algum cuidado quando se ataca...

NES: Equilíbrio.

E que jogadores serão fundamentais para esse equilíbrio?

NES: Do meu ponto de vista os centrais, os laterais e o médio defensivo. Esses são os jogadores que têm que estar sempre preocupados em manter o equilíbrio da equipa.

Têm que estar a pensar em atacar e em defender ao mesmo tempo...

NES: Exactamente. Esses jogadores têm que se preocupar em manter o equilíbrio defensivo da equipa, não vamos pedir ao ponta-de-lança que faça isso, ele tem que estar preocupado com o processo ofensivo.

E o oposto também será verdade? Isto é, serem os jogadores mais ofensivos a preocuparem-se com o equilíbrio ofensivo quando estão a defender?

NES: Exactamente, fazer a ocupação dos espaços para a transição ofensiva.

Cruyff afirmou que o Deco “...tem tanta visão que já sabe se chega antes ou não. E quando não chega, já está a exercer outras funções. Ele vai antes dos outros e isso é outra qualidade técnica. Deco recupera bolas não porque corre mais, mas porque corre antes.” Qual a sua opinião em relação a esta afirmação, seja sobre o Deco ou qualquer outro jogador?

NES: O Deco, e eu tive oportunidade de trabalhar com ele algum tempo, e ele não tinha essa capacidade defensiva que foi ganhando ao longo da carreira, foi um jogador que, ao longo do tempo, começou a deixar de se preocupar tanto com a bola quando a tenta recuperar, e é isso que o Cruyff quer dizer, se o Deco for um jogador que vai sempre atrás da bola, não a vai recuperar; ele começa é a ocupar os espaços onde sabe que a bola vai entrar e isso é que determina um bom equilíbrio defensivo e uma boa recuperação de bola. Não é o jogador que é mais agressivo na sua acção e perante a bola que a recupera, porque esse é facilmente batido; é o jogador que sabe ocupar o espaço e cortar uma linha para recuperá-la.

E depois é a capacidade de análise de cada um, é saber quando se pode ganhar e quando não se pode ganhar a bola, e isso são fracções de segundos.

Tomemos como exemplo uma situação de uma bola longa colocada nas costas da defesa, em que o central ganha no ar e na mesma acção entrega logo ao colega. Ocorreu alguma transição neste caso?

NES: Sim, claro..

E quando é que se deu essa transição? Foi quando a bola chegou ao central, foi só quando ele a entregou, foi quando ela vinha no ar?

NES: Na minha visão a transição ocorre sempre que nós, em processo defensivo, recuperamos a bola e a mantemos, isso é a transição. Portanto

sempre que o nosso central recupera a bola e a entrega jogável, isso é o processo de transição ofensiva, portanto acontece sempre. E o que as pessoas não entendem é que determinam a transição como contra-ataque e a transição não é isso, transição é passar do processo defensivo ao processo ofensivo, e isso é sempre que recuperamos a bola, seja o central, o guarda-redes, o meio campo, ou o ponta-de-lança.

E será que os médios, quando se apercebem que o central vai ganhar a bola, não ocupam determinadas posições e adoptam determinados comportamentos da organização ofensiva?

NES: Poderão antecipar a ocupação dos espaços para passar para o processo ofensivo, mas o que determina é a posse de bola ou não, porque não há garantia absoluta que a bola chegue lá, só se não houver jogadores pela frente, e nessa situação, aí sim, ao nível a que nós jogamos, deverão antecipar a acção do colega criando uma linha de passe ou ocupando um espaço que possa permitir o processo ofensivo.

Ao nível do treino, a preparação destes momentos de transição ocorre em algum dia em especial?

NES: Sempre. O treino é sempre focalizado nesses aspectos. Essa é a base do nosso processo, a ocupação dos espaços, a recuperação da bola, e permitir transições rápidas, controlo, posse ou ataque rápido.

E no treino, nesses exercícios, qual a importância da intervenção do treinador?

NES: É fundamental. Claro que ao longo dos tempos os hábitos são criados e depois tornam-se repetitivos e mais facilmente são assimilados pelos jogadores, mas a presença do treinador, e o corrigir é fundamental.

E esses hábitos funcionam pela repetição de determinados movimentos, ou pela habituação às posições e características dos colegas?

NES: Tudo. É a repetição de processos, é a sistematização de hábitos entre os companheiros e tudo isso é que faz com que os processos sejam implementados na equipa, se não conhecer o que o meu colega habitualmente faz, dificilmente vou conseguir antecipar uma acção.

Perante as ideias do treinador, como é que vocês as interiorizam?

NES: Ao nível que já estamos e perante a exigência que já existe por parte dos jogadores, não há treinador nenhum no mundo que diga “isto é assim, assim e assim” e se os jogadores acham que isso é um absurdo não vai funcionar. Só há sucesso quando os jogadores acreditam a sério que o processo é o melhor, portanto as convicções têm que ser mútuas por parte do treinador e por parte da equipa. Os conhecimentos tácticos que os jogadores vão adquirindo ao longo dos anos obrigam que os treinadores sejam cada vez mais capacitados. E antigamente não era assim, os treinadores faziam coisas absurdas. Agora se chegar aqui um treinador que todos os dias nos ponha a correr, dificilmente vai ter a crença dos jogadores, tem que haver uma evolução natural por parte dos treinadores para convencerem os jogadores e estes acreditarem nos seus processos.

Entrevista a Pedro Emanuel

Concorda que o FC Porto é “uma equipa de transições”?

Pedro Emanuel (PE): Na minha perspectiva, a definição de transição é um bocado abrangente e a minha definição de transição é bastante específica. Para mim a transição é a mudança de atitude quando se recupera ou se perde a bola, isso são os momentos de transição, mas são momentos curtos, e sendo assim, nós muitas das vezes aproveitamos os momentos de transição, planificamos um ataque rápido ou uma mudança de atitude defensiva que nos permite estruturar ou reorganizar em determinado momento, estes momentos de transição são curtos e, por isso mesmo, nós podemos aproveitá-los para o passo seguinte que eu acho que é a conclusão de um ataque rápido ou uma reorganização defensiva, e nós funcionamos muito dessa forma, quer em termos ofensivos quer em termos defensivos, porque trabalhamos muito nesse sentido, isto é, quando trabalhamos de forma a que quando acontecem transições ofensivas sabemos quais são os nossos posicionamentos para se eventualmente perdermos a bola, ou então, quando ganhamos a bola, estamos posicionados para concretizar esses tais ataques rápidos e concretizações rápidas.

No seu entender a transição pode acabar com um golo?

PE: Pode terminar em golo. Eu acho que o objectivo efectivo é esse. A transição ofensiva deve acabar em finalização. Eu sou adepto que a transição ofensiva não deve proporcionar transições defensivas.

Será que os comportamentos que têm numa dessas situações não são os mesmos de uma situação de posse de bola?

PE: Muitas das vezes a transição, ao transformar-se num ataque rápido, não permite tempo para se fazer um ataque planeado. Eu penso que a principal razão de o nome transição tem efectivamente a ver com a mudança de atitude e a mudança de ritmo que se imprime ao jogo. Com um ataque planeado pode

considerar-se um ataque com circulação de bola um pouco mais pausada e um pouco mais garantida. E repare-se porque é que acontece aquilo que referi inicialmente; porque nós, muitas das vezes temos que estar preparados para uma transição defensiva, porque arriscamos um passe, muitas vezes sai mal e origina uma perda de bola e naturalmente uma transição defensiva. E nós fazemos os dois momentos. Quando está a atacar a equipa tem que estar preocupada com o que está a acontecer. Se concretizamos, se fazemos finalização, e então numa dessas situações em que a equipa passa para ataque rápido e isso são 3 ou 4 segundos em que faz 3 ou 4 passes em direcção à baliza adversária, é totalmente diferente de uma situação de ataque organizado em que nós vemos circulação de bola que poderá ter 15 ou 20 passes sem perda de bola. Nesta transição, provavelmente em 3, 4 ou 5 passes nós poderemos muitas vezes perder um desses passes.

Então qual é para si a diferença entre ataque rápido e transição ofensiva?

PE: A transição é a mudança de atitude no momento em que se recupera a bola, na minha perspectiva é o primeiro passe que entra e que transforma uma situação defensiva numa possibilidade de ataque rápido, que não será mais que uma continuidade do momento de transição.

E a situação oposta, o momento de perda da posse de bola, também se rege pelas mesmas ideias, pela contemplação da possibilidade de recuperar novamente a bola logo após a perder?

PE: Desvendando um pouco aquilo que eu acho que é fundamental numa equipa como a do FCP que trabalha muito em transições, a equipa está a fazer um ataque rápido mas está a posicionar-se também para uma transição defensiva que poderá acontecer, quando do ataque rápido surge uma perda de bola, efectivamente nós temos, nomeadamente os 3 ou 4 jogadores que estão mais perto da bola, vão ser identificados como quem vai trabalhar mais na transição defensiva efectiva naquele momento, actuando na zona da bola, enquanto os restantes sabem os seus posicionamentos em função da reacção dos colegas que vão trabalhar na zona da bola, mas também temos outros que

nesse momento já estão a pensar no que fazer se entretanto recuperarmos a bola, qual a primeira acção, eles estarão posicionados para concretizarem uma nova transição.

Têm que estar a pensar em atacar e em defender ao mesmo tempo...

A defesa tem que estar sempre focada em duas situações: quando temos a bola não podemos descurar o aspecto defensivo da mesma forma que quando estamos a defender não podemos descurar o aspecto ofensivo. E isso é o fundamental para o aproveitamento das transições.

Cruyff afirmou que o Deco “...tem tanta visão que já sabe se chega antes ou não. E quando não chega, já está a exercer outras funções. Ele vai antes dos outros e isso é outra qualidade técnica. Deco recupera bolas não porque corre mais, mas porque corre antes.” Qual a sua opinião em relação a esta afirmação, seja sobre o Deco ou qualquer outro jogador?

PE: Eu joguei com ele, e quem vê o Deco a jogar por exemplo vê que não é um jogador muito rápido mas é um jogador muito inteligente na forma como se posiciona e antecipa muitas vezes os movimentos da equipa porque sabe funcionar em relação àquilo que vão ser os movimentos da equipa. E ele é muito importante na primeira fase de transição defensiva porque ele é muitas vezes o primeiro jogador a actuar na zona de pressão. Pode fazer um passe errado, perde a bola, mas a seguir ele é o primeiro a estar na zona fulcral de discussão de posse de bola, onde o primeiro passe vai entrar e onde a primeira pressão na transição defensiva vai actuar. Eu acho que, sem dúvida que essa é uma definição muito boa e perfeita daquilo que são as características e as qualidades defensivas dele porque muitas das vezes nos olhamos para o Deco e dizemos que é um jogador de posse, de passe, do último passe, mas em termos defensivos ele é um jogador inteligentíssimo e bastante equilibrador da equipa

E em termos ofensivos, pegando no seu caso, numa situação de bola dividida, chegando uns instantes primeiro, será possível colocar logo a jogar num colega?

PE: Depende da disputa de bola, se for muito intensa muitas vezes o objectivo é ganhar o lance, outras vezes vamos disputar o lance com alguma vantagem e quando assim acontece temos muito mais possibilidades e probabilidades de fazer esse tal passe que pode proporcionar a inversão dos papeis, passando de uma situação defensiva para uma situação ofensiva com qualidade, que é isso que se pretende, e numa equipa como o Porto que vive muito desses momentos, da qualidade daquilo que sai da defesa e dos ganhos de bola para as nossas transições e os nossos ataques e mesmo em ataque planeado, se repararmos, nos temos alguma dificuldade em termos de ataque planeado, porque vivemos muito e habituamo-nos muito a fazer ataques rápidos e transições ofensiva, nos gostamos muito desse tipo de jogo, transição ofensiva, transição defensiva, e aí é sempre fundamental o primeiro passe ser de qualidade, facilita muito a vida a quem vai desenvolver o ataque.

Imagine então uma situação em que o Lucho está a disputar uma bola dividida, chega primeiro, e entrega logo no Lisandro e este chuta imediatamente e faz golo. Aquele passe é uma assistência, é o primeiro passe da transição, ou será que a transição ocorreu na cabeça do Lucho quando estava a correr para a bola?

PE: Sim, eu acredito que sim. Porque ele quando parte para a bola e vai ver que a vai ganhar de certeza absoluta que ele não faz esse passe para o Lisandro ao acaso, ele já está com essa ideia no pensamento, porque ele antecipou aquilo que poderia vir a acontecer, recuperou mas ao mesmo tempo já estava a pensar naquilo que poderia fazer em termos ofensivos. É um passe de transição e ao mesmo tempo uma assistência.

E quando se trata do seu caso, por exemplo, em que chega primeiro e entrega imediatamente num colega, que comportamentos tem a equipa?

PE: Quando se ganha uma bola disputada, ou seja, disputei uma bola com o avançado, ganhei a bola, fiz o primeiro passe, o objectivo do primeiro passe com qualidade é permitir ao colega desenvolver o ataque com muito mais qualidade, não ter que estar 2 ou 3 segundos a dominar uma bola que veio má, o objectivo é fazermos um passe que permita ao colega, ao primeiro toque, ficar com o campo e o raio de visão bastante alargado, e com a possibilidade de antes de ela chegar, sabendo ele que ela vem com qualidade, poder já pensar no que vai fazer a seguir, não tem que pensar que vai ter que dominar a bola que vem má, portanto o objectivo principal é isso que trabalhamos muito e penso que vamos continuar a trabalhar porque isso é fundamental para o nosso estilo de jogo.

Quando estão a atacar, qual será a melhor forma de atacar, isto é, que referencias, que comportamentos, que preocupações, para fazerem melhor as transições defensivas?

PE: O objectivo quando estamos a fazer um ataque, é nós estarmos perfeitamente posicionados para evitar primeiro que se entre numa transição defensiva que permita um ataque rápido à equipa adversária, e, acima de tudo, quando fazemos um ataque e estamos posicionados defensivamente, é permitir que quando percamos a bola possamos criar uma transição defensiva eficaz para a recuperação da bola o mais rápido possível, essa é a nossa principal preocupação. Por isso é que o posicionamento, quando estamos a fazer um ataque, muitas vezes é um posicionamento de circulação de bola, mas quem não está envolvido nesse processo, naturalmente estará num posicionamento defensivo, para a eventualidade de perda de bola.

E o mesmo acontecerá na situação inversa? Quais as vossa referências quando estão a defender?

PE: Quem vê sabe que nos defendemos à zona, só defendemos quase homem-a-homem em situações esporádicas dentro da área, isso é inevitável,

agora o nosso posicionamento defensivo é global porque temos uma estrutura que funciona em bloco, nós funcionamos muito em função daquilo que os nossos avançados fazem e mediante o comportamento deles nós vamos ajustando, se os nossos avançados estão a fazer uma pressão alta nós acompanhamos, agora se estão numa situação de espera nós vamos-nos posicionando. Portanto nós vamos adaptando o nosso posicionamento ao momento do jogo e à situação que a equipa nos disponibiliza.

O objectivo principal é haver uma identidade muito grande entre todos os sectores da equipa e os jogadores envolvidos nesses sectores. E as coisas depois saem muito mais fluidas, porque quando ganhamos a bola na defesa, nós já sabemos que o meio campo vai ter um determinado comportamento e o ataque outro, se ganhamos no meio campo, nós estamos posicionados de uma determinada maneira mas os avançados já se vão dispor de outra maneira e se calhar vão ter outro tipo de comportamentos, tem a ver um pouco com isso e a forma de nos dispormos.

E no treino, nos exercícios, qual a importância da intervenção do treinador?

PE: O treinador vai ter que definir qual o objectivo do treino, se é uma transição defensiva, por exemplo, e ele vai ter que criar os exercícios para que origine essas situações de transição, agora muitas das vezes as coisas podem não estar a sair conforme ele pretende e naturalmente a sua forma de intervenção é fundamental para que o objectivo do treino seja concretizado e o atleta compreenda qual é o objectivo do treino porque muitas das vezes os exercícios com o desenrolar do treino começam a sair desvirtuados em relação ao que é o objectivo do treino. Acho que o fundamental nessa mediação, nessa intervenção por parte do treinador é que de facto defina para os atletas qual é o objectivo dentro do treino, qual é o objectivo daquele exercício e se efectivamente, a meio do treino ou no final, aconteceu ou não aconteceu, se foi bem ou mal, e vai intervir nesse sentido.

Perante as ideias do treinador, como é que vocês as interiorizam?

PE: Pode acontecer que os jogadores se identifiquem imediatamente com as ideias do treinador mas é muito difícil que aconteça. Se acontecer eu acho que ou o treinador tinha muita capacidade ou os jogadores tinham muita capacidade ou estavam muito identificados com os processos que se queriam implementar. Se acontece é muito bom, como é o nosso caso neste momento, praticamente jogamos de olhos fechados conhecemos o processo, o colega do lado e temos uma identidade muito forte, mas quando não acontece passamos a duvidar, se somos nós que não sabemos, se é a equipa que não está a funcionar bem, portanto levantam-se variadíssimas questões.

E é importante serem criados hábitos de movimentações, de comportamentos?

PE: Na minha perspectiva é fundamental. A qualidade dos nossos treinos permite, efectivamente, termos mais naturalidade nos jogos, portanto se estivermos identificados com aquilo que temos que fazer... e muitas das vezes debates com a equipa técnica, entre nós, se é assim que se deve fazer, se não é, e dúvidas

Vocês fazem sugestões de situações que consideram que podem contribuir para o processo da equipa?

PE: Sim. O treinador expõe as suas ideias, a maior parte das vezes com toda a legitimidade para o poder fazer porque são aquelas que funcionam e nos dão resultados e se houver uma ou outra situação pontual, nós naturalmente temos a nossa opinião, e o treinador tem uma mentalidade aberta e isso é importante para que a conversa possa fluir e aquilo que nós pretendemos funciona cada vez melhor, e que sintamos que as coisas melhoram.

Entrevista a José Gomes

Considera que a equipa pode marcar golos em transição ofensiva?

José Gomes (JG): Já fizemos golos após recuperação de bola e com 2 ou 3 toques.

O FC Porto é uma “equipa de transições”?

JG: Não é verdade. Quando se fala nisso, estamos a direccionar para aquela equipa que tem as linhas muito juntas, que defende muito próximo da sua área e que, quando recupera a bola consegue, por estar posicionada dessa forma, ter espaço entre a última linha do adversário e o GR e portanto aproveitar esse espaço na transição e é uma transição que se leva sempre para ataque rápido ou contra-ataque. E nós não somos uma equipa que faz golos e assenta o seu jogo em transições nesse sentido, depois de recuperar a bola, já estamos em cima da área do adversário. E porquê? Porque em casa, a maior parte dos adversários joga dentro da área, portanto não há esse espaço, e fora são poucas as equipas que nos dão esse espaço sabendo que, por tradição, as equipas em portugal jogam sempre de maneira diferente fora ou em casa, expõem-se sempre mais a jogar em casa, mas contra o Porto isso não é visível. Então essa conotação que querem dar quando dizem que o Porto é uma equipa de transição cai por terra quando as equipas jogam dentro da área, em que nós não temos qualquer espaço. Não estará também alheio a esse facto, as dificuldades que, em determinado momento, sentimos em casa. Com o acentuar o número de jogadores de características defensivas, e de nos oferecerem poucos espaços no Dragão, aumentou a dificuldade. Agora, o que o Porto faz muito bem é, como defendemos à zona, é-nos mais fácil, depois de recuperarmos a bola, saber o que fazer com ela, e treinamos isso, e é nesse sentido que nós somos fortes. Somos fortes, após a recuperação de bola, na forma como a aproveitamos, porque treinamos assim e porque no momento em que estamos a defender, estamos posicionados e preparados para quando a

ganharmos, a receber. Portanto, treinamos as transições, treinamos em função daquilo que queremos.

Convém então diferenciar transição (ofensiva) de ataque rápido e contra-ataque...

JG: A transição é o momento, pelo menos é entendido assim, e acho importante este tipo de trabalhos para conseguirmos uniformizar uma linguagem e sabermos todos do que estamos a falar. A transição é o momento em que estamos a defender ou a atacar e passamos para outro momento, passamos a atacar ou defender. E como o fazemos já vai entrar no método de organização ofensiva ou defensiva, e que já é outra questão, já tem outros princípios e outros sub-princípios. Esta colagem deste termo, veio também associada à entrada do Prof. Jesualdo, porque o Braga também fazia muito bem o aproveitamento após a recuperação de bola, porque seguramente também assim era treinada. Agora, que equipa não desejaria, após a recuperação de bola conseguir aproveitar o espaço que o adversário dá? Todas as equipas desejam isso! Agora, para conseguirem isso, têm que trabalhar, têm que conseguir criar alguns processos com que os jogadores se identifiquem e se sintam confortáveis e que consigam, acima de tudo, eficácia e eficiência nas acções para conseguir chegar à baliza. Se estamos a recuperar a bola o objectivo é claro é marcar golo e se o conseguirmos fazer aproveitando mais espaço que o adversário naquele momento nos esta a dar porque esta envolvido em acções ofensivas, melhor. E como é que se faz isso? Com transições rápidas. Agora, nem sempre é possível. Nós em casa tivemos algumas dificuldades em alguns jogos porque esses espaços não existiam. E o método ofensivo não é propriamente a transição, a transição continua a ser bem feita, não havia era espaço suficiente para utilizar esse método de organização ofensiva.

Então o Porto tem dois “sub-métodos” de organização ofensiva, um mais em progressão e outro mais em posse...

JG: Exactamente. Às vezes dá para fazer em progressão, e neste momento temos jogadores em que esse método assenta muito bem, porque são jogadores muito rápidos, o Rodriguez, o Mariano, o Hulk, o Lisandro é rápido mas acima de tudo decide muito rápido porque tem uma leitura muito rápida, portanto esses jogadores têm um enquadramento muito bom com esse método, mas às vezes não é possível, não vamos estar a bater contra uma parede quando estão 10 jogadores a defender atrás da linha da bola e nós vamos insistentemente procurar fazer ataques em progressão, esbarrar e estar constantemente a perder a bola e a voltar a defender e a voltar a fazer percursos para zonas mais recuadas, mais desgaste a todos os níveis e então o método tem que ser outro, tem que haver mais paciência, mais circulação, uma progressão diferente, mais em posse.

E essa distinção, para os jogadores, e a nível de treino, em que condições é contemplada? Criam situações para um e para outro?

JG: São criadas claramente situações para um e situações para outro. E são criadas situações, e que são a base do jogo e que se calhar são os exercícios mais ricos, são as situações mais ricas, aquelas em que o jogador é que tem que decidir em função da análise que faz daquele momento de recuperação de bola. Se o Raúl Meireles, quando receber a bola, tiver uma linha de passe na esquerda para o Rodriguez e outra na direita, e um passe frontal aberto para o Lisandro, pode e deve fazê-lo nesses exercícios. Se tiver tudo fechado vai ter que conseguir criar situações de finalização em posse e aí entrará a qualidade da sua decisão. E tanto mais rico é o treino quanto mais se aproximar dos momentos de decisão a que o jogador vai ser sujeito no jogo. Portanto há exercícios para esses dois métodos de organização ofensiva e depois há também exercícios em que o jogador pode decidir, porque é assim o jogo, há momentos em que temos que atacar rápido e o espaço que temos, e há outros em que temos que fazer mais posse, criar desequilíbrios na estrutura defensiva do adversário, com circulação de bola, com paciência, e esses momentos

também são treinados. Quanto melhor o jogador perceber isto que estamos a falar e perceber quais são os objectivos em cada exercício, e perceber como é que pode tirar partido dos movimentos que são feitos em todas as posições e como são aproveitados, mais próximos estamos de ter sucesso.

E será que os princípios que norteiam a decisão do jogador, do que fazer à bola quando a recupera, não serão os mesmos de uma situação de circulação de bola? Tomemos como exemplo uma situação de recuperação no corredor central, em que a prioridade de 1º passe é colocar a bola no corredor lateral; será que esse princípio que há na transição não será igual ao que há na posse de bola, ou será que o princípio da transição é o princípio da posse de bola?

JG: É. E qual é a grande diferença? Sendo a transição entendida como uma mudança de atitude, depois de recuperarmos a bola, já não tem mais a ver com a transição em si, tem a ver com o método ofensivo a utilizar. O que pode acontecer é, a determinada altura, quando a bola entra no corredor lateral, o espaço que seria para o ataque rápido ou para o contra-ataque, ou para o nosso método que era adequado ao momento, pelo posicionamento dos adversários já não pode ser utilizado. E há duas hipóteses. Ou procuramos ficar com a bola, e procurar conseguir a criação de espaços para chegar à baliza do adversário, ou forçamos, e esbarramos, e tentamos soluções de 1x1, e esbarramos na estrutura defensiva do adversário. Chega a determinado momento, que é exactamente igual num método e noutro, não dá para ir para a baliza, ou perdemos a bola de uma forma pouco inteligente ou ficamos com ela e procuramos novamente e a bola pode entrar no corredor central e virar para o corredor lateral e virar para o outro lado, e aí concordo que é o mesmo princípio, que tem as mesmas saídas, um método e outro.

O momento da transição pode ocorrer quando a bola ainda não chegou ao jogador defensor, mas está quase certo que este a recuperará?

JG: Eu acho que é possível. Essa questão quase vai esbarrar na velocidade de processamento do cérebro, da leitura que foi feita, é um estado de consciência

daquilo que nos está a acontecer, é uma consciência da acção, e a percepção que os jogadores têm dessa consciência da acção, por vezes, é mais rápida que o acontecimento da jogada em si. Durante o jogo, e muitas vezes, isso acontece. Antes de a acção ter ocorrido, os jogadores modificam comportamentos. Dizer qual é exactamente o momento é difícil. É quando não tem a bola e passa a ter a bola e quando a tem e deixa de ter. Mas o que se verifica à volta desta passagem dos momentos é mais rápido do que isso e é uma questão de nós observarmos as imagens e focarmos a nossa atenção não na bola mas no que se está a acontecer à volta da bola e conseguimos identificar isso. Há jogadores que a bola ainda não está em nosso poder e já estão a fazer um movimento para pedir a bola, porque estão a adivinhar que vamos ficar com ela, já estão a criar espaços e de alguma forma já se estão a antecipar à organização defensiva adversária, e isso acontece permanentemente em todos os jogos.

Aquilo que acontece muitas vezes é, numa bola dividida, o que chega primeiro não tenta ficar com ela, e entrega logo no colega e a equipa entretanto já se reposicionou...

JG: Isso é visível, exactamente.

E no treino, isso é contemplado, ou virá da inteligência de cada jogador?

JG: Tem a ver com a apreensão que cada jogador faz dos conteúdos que são transmitidos, porque há uma insistência tão grande em pilares de suporte deste processo, em que os jogadores levam com exercícios em que são obrigados a fazer aquilo, e a determinada altura as coisas já saem sem pensar e o rumo deles está sempre apontado para esses momentos, para essas acções. O que acontece é que na execução disso, já não pensam, já estão em piloto automático, portanto é mais rápido, daí a força da transição.

E qual a importância da criatividade nesses momentos, segundo o processo baseado num piloto automático em que os jogadores já se encontram?

JG: A criatividade entendida como mais uma arma que o jogador pode acrescentar ao processo da equipa para esta ser mais eficaz nas suas acções, tem estado presente em todos os nossos jogos, e não só pelos jogadores da frente. Até na forma como desarma e na forma como engana os adversários com alguns movimentos, o Fernando tem sido extremamente criativo. O Bruno Alves também. Agora isso vai esbarrar com o que é a criatividade.

E falando agora na transição defensiva, que tipo de comportamentos são pedidos aos jogadores e já agora, se esses comportamentos também se adequam aos momentos de organização defensiva?

JG: Em função do adversário e dos nossos jogadores que estão em campo, às vezes dá jeito não fazer uma transição defensiva muito forte e conseguir recuar um pouco as linhas e ter esse espaço. Outras vezes é preferível que, em situação em que o adversário fica em clara posse de bola no nosso último terço, o jogador mais próximo da bola faça uma pressão rápida sobre o portador da bola, tirando-lhe tempo e espaço para ele poder decidir o que fazer, porque isto dá-nos várias vantagens. Uma delas é já estarmos próximos da baliza do adversário, e outra é que, se evitarmos que o adversário passe esta primeira linha de pressão, não vamos ter qualquer problema de organização defensiva. Mas há outros momentos em que não é tão importante essa agressividade após a perda de bola, porque estamos permanentemente em equilíbrio e também se recuarmos um pouco mais acabamos por, após a recuperação, tirar vantagem disso.

Ao nível do treino, a preparação destes momentos de transição ocorre em algum dia em especial?

JG: É difícil ao longo do ano haver alguma semana tipo devido aos jogos a meio da semana, portanto não é fácil fazer essa identificação. Mas isto está presente em quase todas as unidades de treino. Com regras diferentes, com

espaços de jogo diferentes, com dimensões de campo diferentes, acabam por estar sempre presente porque são os pilares onde assenta todo o processo.

Fazem a divisão dos momentos para os jogadores?

JG: As coisas vão saindo e os jogadores acabam por se aperceber porque as regras e o exercício naturalmente os leva para isso. Eles vão percebendo pela realização do exercício porque o exercício está montado para os orientar em determinados comportamentos que são aqueles que nós queremos, os tais pilares onde assenta o processo, seja a recuperação, o posicionamento, a transição, o vir receber nas meias, seja o que for, e com o tempo acabam por perceber o porque de cada exercício. Às vezes o jogador que está a chegar tem mais dificuldades em perceber